





as
farinhas
de trigo
de maior
rendimento

MOINHO RECIFE

GRANDES MOINHOS DO BRAZIL S. A.



Meias Manon

São as preferidas pelas
elegantes por ser as mais
finas e resistentes

PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS

À VENDA EM TODAS AS
CASAS DE 1.ª ORDEM

Representantes exclusivos:

ALBERTO FONSECA & CIA. LTDA.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO

PR A VOCE

(Segunda phase)

Direcção de JOSÉ CAMPELLO
Secretaria de EUGENIO COIMBRA JUNIOR

Redacção: Rua do Imperador Pedro II, n.
221-3. andar. — Phone 60-64

RECIFE PERNAMBUCO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA DA EMPREZA "DIARIO DA
MANHÃ S. A.," EDITORA DOS JONAES "DIARIO DA MANHÃ" E
"DIARIO DA TARDE"

Director-presidente—dr. Renato Carneiro da Cunha
Director-thesoureiro—dr. Oscar Berardo Carneiro da Cunha

Numero Avulso: Capital e interior 1\$500

Nos Estados: Numero avulso: 2\$000

Assignaturas: { Annual 36\$000
 { Semestral 18\$000

Assignaturas: { Anno 48\$000
 { Semestre 24\$000

Esta revista contém 44 paginas em
papel couché, inclusive a capa.



PUBLICAREMOS em cada um dos numeros de
"Pra Você" duas novellas de sensação, especialmente
traduzidas para esta revista.

S O B R E O C I U M E

Ha no ciume mais amor proprio que amor.

Um ciumento está sempre mais além do que
aquillo que procura.

Os ciumes nascem
sem olhos e sem ouvidos.

Os ciumes grosseiros
são uma desconfiança do
ser amado; os ciumes de-
licados, uma desconfiança
de si mesmo.

Existem muitas espe-
cies de ciume: os mais ra-
ros são os do coração.

O amor dos ciumentos parece-se, quando não é
igual ao odio.

O ciumento passa a vida em busca de um
segredo cuja descoberta lhe custa a sua felicidade.

O homem ou a mu-
lher ciumentos não é o
amante que ama; é o
proprietario que se abor-
rece.

Os ciumes são o malcr
de todos os males, do
qual todos se compade-
cem, menos o individuo
que os causa.

Se o ciume revela al-
guma força, esta força é
a do amor insensato.

Os ciumes não provêm do amor que se expe-
rimenta, senão do que se pretende conseguir.

(De autores desconhecidos)

AS TUAS MÃOS

Antonio Correia d'Oliveira

*As formas da materia que Deus cria
São a expressão do espirito e não mais;
Elos de ethereas linhas musicas
Corporisadas em mudez sombria...*

*Tuas mãos de espectral melancolia,
semeando a graça e a luz por onde vaes,
de que divinas mãos espirituas
serão a imagem argilosa e fria?*

*Sei lá! Sei lá... Quem sabe com que dedos
a aurora entreabre a sombra, e os arvoredos,
e o mar profundo e o seio das violetas;*

*e que dedos de espiritos virão,
à noite, abrir em febre e inspiração
as almas silenciosas dos poetas?*

A SORTE QUEM DA' E' DEUS...

E NA LOTERIA
FEDERAL

É O

CENTRO LOTERICO

RUA JOAQUIM TAVORA, 67 — RECIFE

MEMÓRIAS de Esdras Farías.

AURORA DUPIN, a George Sand apaixonada de Musset, foi uma estroina na vida e no amor. Começando-o por Julio Sandeau, secretario de Balzac, e seu primeiro amante, iniciou a sua vida de grande amorosa.

Do nome do primeiro amante conseguiu formar o seu pseudonymo literario.

Sequiosa de aventuras, chumbou á sua vida a vida de Chopin, do medico Pagello, Planché, Miguel de Bourges, Didier, Pelletan, Prospero Merimée e Musset. E é melhor que riquemos neste, para não relembrar os demais favores concedidos a qualquer homem, pela ardente romancista...

Mulher de temperamento inquieto, morena e romantica, eram seus olhos humidos e negros. E, por isso, feliz do mortal por quem esses olhos ardentes se apaixonassem.

Numa época de intrigalhadas amaras e contendas literarias nos salões elegantes, frequentados pela aristocracia intellectual franceza, as mulheres de espirito não permitiam, longe de seus affazeres, o beijo de um amante nem as caricias de uma noute de amor. Com a liberdade de acção e movimento a que se permitiam, hontem, essas mulheres de espirito, George Sand é elegia, por isso, a heroína de seus proprios romances, sem, mesmo, procurar occultar sua personalidade. E através desses dramas intimos, cheios de scenas sensacionais, conseguiu de sua vida fazer um grande poema de amor.

Creou o seu proprio ambiente. Enfeitou-o ao seu modo. Queria ser feliz. Amar. Viver.

O inedito e o imprevisito fascinavam-na. Amou e foi amada, inspirando aos artistas de seu tempo a paixão sublime que incendia a alma, transforma o homem num Deus elevando o amor á dignidade das sensações magnificas.

Mulheres que se não preocupavam com o publico. Não se envergonhavam de contar na prosa e no verso os seus desenfadados, esboçando, em traços fortes, os segredos de alcova, a delicia de seus colloquios amorosos e até a densidade de seus prazeres.

Glorificavam as energias masculinas, os grandes minutos passionaes, incensando de methaphoras sonoras a eloquencia virril, a forma apolinea daquelle que lhes abrisse o velario translucido do amor.

George Sand é, porem, a figura central desse grupo de heroínas.

Percorreu as cidades romanticas — Veneza, Napoles, Sevilha, sempre á procura de sensações novas. Em Sevilha, com Merimée. Em Veneza, ao lado de Musset. E foi este, sem duvida quem mais amou apaixonadamente, em sua existencia inquieta, á creatura de olhos negros e humidos, a quem jamais esqueceu.

Ha na vida de George Sand e Alfredo de Musset infantilidades surprehendedes, dignas, porem, dos dois grandes romanticsos.

Não é que surprehenda a alguém o ter George Sand abandonado Chopin tuberculoso e triste e ir chorar, para longe, o desespero de deixal-o irremediavelmente perdido. Não é dado ao homem o milagre de perceber, na alma de uma mulhr, quando e porque abandona aquelle a quem ama para chorar as desditas desse abandono. Assim, levada por essa inquietação de infinito, de liberdade sequiosa de tudo e saciada de tudo, George Sand affastou-se de Chopin e foi viver para os seus filhos, e chorar a amargura por haver deixado o divino tystico.

Sentindo-se trahido pelo seu amigo, o medico Pagello, Musset resolveu abandonar Veneza, ainda doente, acabado. George Sand ia, apenas algumas vezes, visital-o, á cabeceira do leito. E, antes que o poeta se resolvesse a abandonal-a pela nova situação creada entre ambos, ella resolveu abandonal-o, fugindo com o seu amigo. Entre as joias caras, as preciosidades artisticas que deixaram na precipitação da fuga, havia um velho pedaço de pente de tartaruga, resto de algum poema, de algum romance sem palavras vivido entre ambos. Alfredo de Musset

que não só bebia com elegancia, á fior dos labios, como era subtil de maneiras deante, mesmo, dos grandes fracassos moraes, escolheu, entre os objectos de arte e as joias preciosas", aquelle resto de lembrança de outros dias quando viviam felizes ao lado um do outro.

Entre os episodios sentimentaes que encham a vida amorosa dos grandes sonhadores, Alfredo de Musset, o poeta galante, alma subtil e fluente na doçura de seus versos, romantisa a historia magnifica de um coração. Além do amor desinteressado e puro que devotava á sua amante, encanto outro encontrava que o fascinasse entre os preciosos objectos, ali abandonados. Sua hobresa de espirito, o desinteresse, o desprendimento de seu gesto é de uma elegancia de maneiras digna de um espirito ativo, sem ambições outras além das que se prendem ao objecto amado e ao ambiente moral pelo mesmo creado.

O ESTYLO E' O HOMEM...

O scriptor deve ser perfeito e honesto. E para isso procura errar sempre. A formação do estylo está dentro de um ambiente puramente humano, com as suas psychoses, os seus defectos. E prova de originalidade errar. Dir-se-lhe que o scriptor descubra em si mesmo, e involuntariamente, o merito inconfundivel de sua capacidade, errando do começo ao fim o que os outros exigem de puro e perfeito. ALEXANDRE GREGO.

O AMOR

No goso medindo força,
tão grande é a nossa efusão,
que eu te comparo a uma corça
morrendo sob um leão.

ESCUTE, NOSSA SENHORA MAE DE DEUS:

Virgem Santa
Dolorida,
Das 7 espadas
do Amór.
Virgem Santa
Eu te imploro,
Com o meu choro,
Que minha morte
Seja a morte
De uma flôr!

CHARLES SOUSSENS



Fabrica de CAPAS

MARCA FELD. REG.

Manteaux de Sêda e de Lã
Capas de Gabardine e
Borracha para homens
e senhoras.

Em grosso e sob medida
Rua da Imperatriz 35 1.º
S. FELDMUS

O QUESTIONARIO DAS DOZE PERGUNTAS



— *Que é indispensavel a uma verdadeira felicidade?*

Ser feliz completamente, oh que ambição desmedida! Pois no mundo ha tanta gente, que frue desgostos somente nesta vida...

— *Que mais influe para a felicidade do casamento?*

Para haver boa união, é indispensavel amizade, pois que a felicidade, só depende da affeição.

— *Qual a qualidade mais apreciavel no homem e na mulher?*

Uma mulher previdente desperta admiração, e um homem bravo, valente, causa sempre sensação.

— *Qual a sua maior fra-*

— *Qual foi até agora a sua maior desillusão?*

Saber que as desillusões matam, na vida, a esperança, trazendo a desconfiança, que envenena os corações.

— *Que idade lhe parece mais conveniente para uma affeição sincera e duradoura?*

Moço ou velho, é indifferente. Que o amor não envelhece, diz o proverbio, e não mente, pois, o velho, quando sente, a idade esquece.

— *Quaes as suas diversões preferidas?*

A natureza me attrahe, passo horas a sonhar, olhando o céu, vendo o mar, á hora em que o sol se esvae.

— *Quantos annos desejaria viver?*

Desejaria viver longos annos venturosos, bem tranquilllos, proveitosos, e mui velhinha morrer.

— *Que considera mais util a humanidade?*

De paz, de educação, bem precisa a humanidade. E' necessaria a união, o amor, a fraternidade.

Este questionario é solicitado.

As respostas não devem exceder de seis linhas e devem ser escriptas em letra bem legivel.

Qual é o maior ideal de sua vida?

Viver sempre alegremente e, do mundo, ante a maldade, passar, feliz e contente, amando o bello, a bondade.

Maria Leticia de Andrade Lima.

Banco Central de Pernambuco

Rua do Imperador Pedro II, 362

RECIFE

Codigos: "Mascotte", "Ribeiro" e Particular"

End. Tele. "CENTRAL"

Caixa Postal, 263

TELEPHONE, 6573

Capital integralizado 600.000\$000

Fundo de reserva 130.000\$000

Correspondentes nos principais Praças do Paiz

HOTEL CENTRAL

AVENIDA MANOEL BORBA, 209

RECIFE

Explendido "dancing", localisado na "terrasse", decorado em estylo moderno por

AVELINO PEREIRA

Diariamente dansas e outras atrações das 20 ás 24 horas

COCK-TAILS ÀS 17 HORAS

Sorvetes — Bebidas — Gelados

Horacio Saldanha & Cia.

IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA.

Serviços Maritimos

Av. Marquez de Olinda, 143, 1.º andar

CAIXA POSTAL, 140

Phone, 9144

RECIFE-PERNAMBUCO

AS MULHERES serão capazes de conhecer a amizade?

▲▲▲

EXAMINANDO velhos recortes de jornais e revistas, encontrei um que me havia de fornecer a sugestão para essa pergunta.

Abél Bonnard, que publicou um livro de maxims sobre a amizade, propoz o problema ao seu amigo, homem misógino, nos seguintes termos:

— As mulheres serão capazes de conhecer a amizade? E o amigo lhe respondeu:

— As mulheres não foram feitas para compreender a amizade... Ellas repugnam esse sentimento, precisamente pelo que elle tem de constante, de ideal, de seguro... A sua serenidade lhes causa aborrecimento.

E o extímio periodista commentava: — "Esquecem-se assim os grandes exem-



plos da historia, como o de Chateaubriand e "Madame" Recamier, que legaram ao mundo um exemplo immortal de verdadeira amizade."

▲▲▲

FALA UM POETA:

DECIDIDO a conhecer a verdade por mim mesmo, procedi a uma série de "enquetes" que, segundo eu julgava, podia esclarecer-a. E foi assim que, num gabinete silencioso como todos aquelles em que gostam de refugiar-se certos artistas profundos e requintados, me puz a conversar com o meu amigo poeta.

Inclinando-se sobre a mesa, escreveu e entregou-me estas linhas:

"Não. Para mim não é possível a amizade entre o homem e a mulher. E isso se explica porque um delles começará por uma amizade espiritual; mas isto cansa.

Pode-se ter uma amizade assim com uma mulher velha ou feia; com uma mulher joven, bonita ou saudavel, é impossível. Ha de se antepor a esse puro sentimento a attracção feminina; e quando a mulher não a possui, a amizade esfria e vai decahindo lentamente, até o esquecimento.

Nem entre os casados a amizade é possível. Quando um marido diz que quer a sua mulher como uma amiga ou como uma irmã, mente: é que já não

a quer... "Ademais, eu sou essencialmente egoísta. Como estou terrivelmente apaixonado, não me preoccupa a amizade de nenhuma mulher, nem mulher alguma fala ao meu espirito ou ao meu coração. Tão pouco me seria possível dividir o meu affecto entre a mulher que adoro e uma amizade insípida."

▲▲▲

FALA UMA ESCRITORA:

TRATANDO-SE de buscar uma opinião contraria, interroguei a uma amiga minha, collega de curso. Mas formulei a pergunta de outra maneira:

— Sentem-se as mulheres diminuidas ou furtadas, quando os seus pretendidos amigos não lhes fazem a corte?

Mirando-me com os seus olhos falantes de malicia, ella me respondeu:

— Será que nenhum de vocês não teve nunca uma amiga?... Creio que o homem se compraz em caluniar a mulher, em reduzi-la a instincto, porque é incapaz de comprehendel-a. Eu sei de homens e mulheres que têm sido leaes, bons amigos e...

Pareceu reflectir, indecisa, como se temesse o fim das suas proposições. Insisti:

— ... e...?

— ... e se a amizade que os prendia acabou, não foi por culpa da mulher.

— Tampouco por culpa do homem.

— E' que o homem crê sempre encontrar, em cada mulher, uma victima do seu poder de seducção.

▲▲▲

UMA AMIZADE PURA

PROSEGUI na minha inquirição sem nada concluir de certo.

— Amizade? — respondia-me um dos entrevistados. — Nenhum amigo tão seguro como uma mulher, quando foi uma idéa que della nos approximou...

— Se creio possível a amizade entre um homem e uma mulher? — dizia-me outro. — Esquece, então, que a mulher é instincto puro? Mas eis que depois desta ultima e aspera resposta vi, entre applausos, inquietas e perturbadora, uma bella atriz, logo depois de ter representado o seu papel ás luzes do scenario.

Desfechei-lhe a pergunta. — Vou dizer-lhe o que nunca confiei a ninguém — respondeu-me. Eu tenho um amigo que se encontra actualmente no estrangeiro. E' um amigo que satisfaz a todos os idéas e exigencias da mais pura amizade. Entre elle e eu nunca houve a complicação sentimental mais simples...

— A mesma amizade já o é...

— Não a nossa. Conselhos, confidencias, opiniões e nada mais. Essa ajuda e apoio moraes que as vezes nos são tão necessarios. Nada mais...

— E estará você segura de que o seu amigo nunca tenha desejado, em segredo, que existisse alguma coisa mais profunda entre vocês, que uma simples amizade?

Percebi que se tinha perturbado, que

uma sombra apparecera sobre aquella fronte tão admirada do publico, sobre aquelles olhos onde parecia adensar-se um mysterio magnifico...

Mas logo, com voz tranquilla e firme, replicou:

— Estou absolutamente segura.

▲▲▲

SEGREDO E CLARIDADE

APRESENTEI o caso a um pintor. Mas este m'o contestou com esta outra pergunta:

— Você já teve alguma amiga mulher?

— Não.

— Eu tampouco. Entre ellas e nós outros, os homens, todos os assumptos se resolvem em segredo e mysterio. E nada é mais contrario a essa caracteristica do que a amizade. A amizade é luz, sinceridade, claridade, precisão... Não será possível a amizade em taes condições com uma mulher!

▲▲▲

AS MULHERES SÃO MÃS AMIGAS...

ULTIMAMENTE, encerrei a "enquete" com uma minha camarada: joven, viva e bella, a quem conheço desde a infancia. Uma especie de irmãinha. (Para mim é esta a unica fórma de amizade entre homens e mulheres...)

— Dize-me: já encontraste em tua vida um homem que fosse teu amigo, sem pensar noutras coisas?

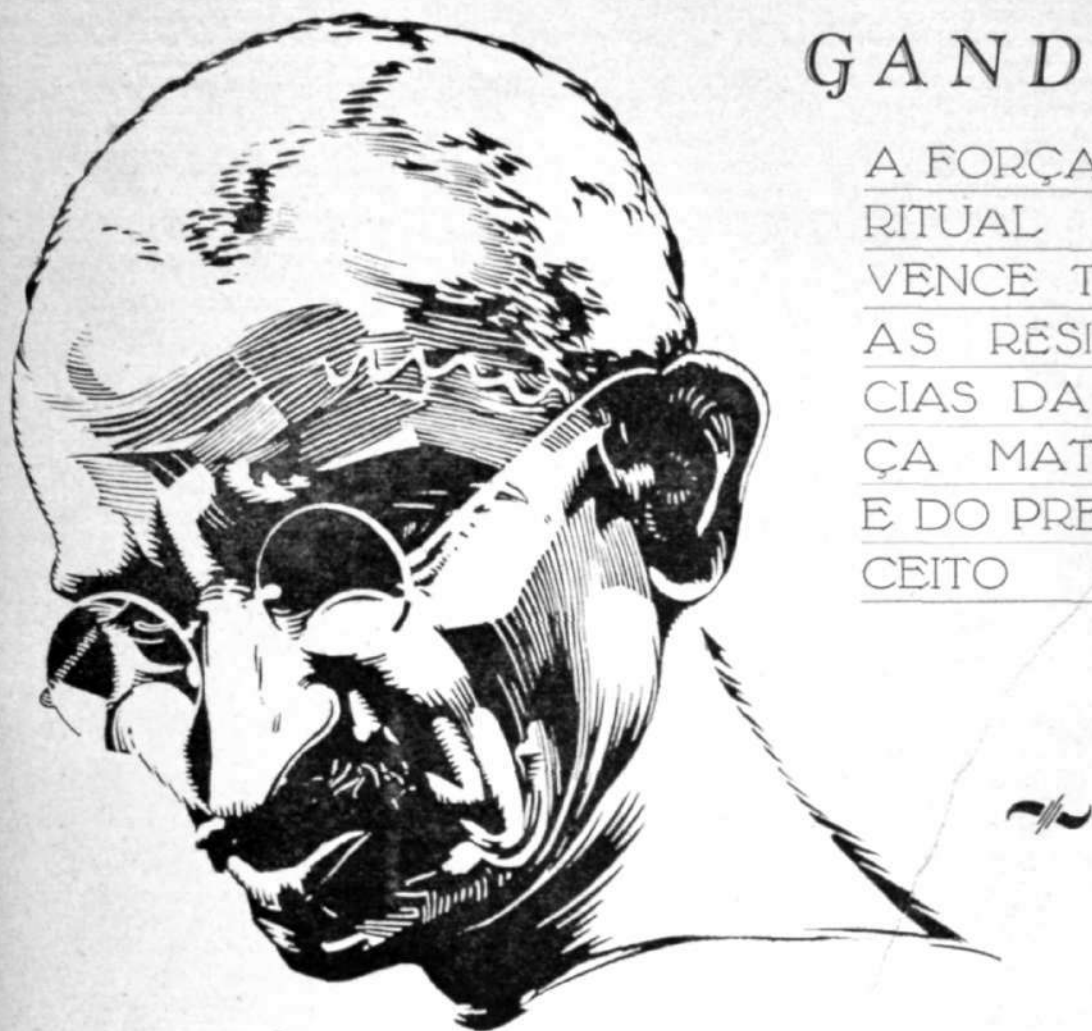
— Sim: tu'.

— Não se trata de mim. Algum outro amigo dos que já tiveste foi unicamente teu amigo ou melhor: quiz ser apenas isso?...



— Nunca. As mulheres, mesmo entre nós, somos más amigas. Destruim-nos umas as outras. Negamo-nos. Só em nos olharmos, já estamos dizendo que nenhuma de nós vale um vintem... Imagina o que occorre, quando se trata de um homem! O pobre, por melhor amigo que seja, fica reduzido a nada... Que fazer? Se somos assim... por culpa mesma dos homens...

CARLOS DEL RIO.



M. BANDEIRA

GANDHI,

A FORÇA ESPIRITUAL QUE VENCE TODAS AS RESISTÊNCIAS DA FORÇA MATERIAL E DO PRECONCEITO

HAVERA' sinceridade na atitude do *mahatma* Gandhi — essa estranha figura de apóstolo que se ergueu contra o maior Imperio Colonial do mundo apenas com a força espiritual da sua consciencia, sem uma arma e sem um soldado? E' de parecer que sim. Não nos seria licito duvidar da sinceridade das suas atitudes, tendo em vista o sacrificio que o chefe dos nacionalistas hindús está fazendo em prol da sua causa, quando se considera que elle não vacilla em desafiar, não tanto aos ingleses como aos seus proprios concidadãos, defendendo as castas oprimidas, até os "intocáveis" — párias cujo conta-

cto constitue uma profanação para os individuos das castas superiores. Gandhi atreve-se assim a impugnar uma das instituições millenarias mais peculiares á India, uma instituição consagrada por leis humanas e "divinas", que os inglezes, que têm abolido outras de igual antiguidade, como, por exemplo, o *suttee* ou seja a morte das viúvas na fogueira que consumia os restos mortaes de seus maridos, não se atreveram a tocar...

Faz-se remontar, geralmente, esse odioso e deshumano regime á época da conquista da India pelos guerreiros de raça aryaná, vindos do Norte. Os conquistadores, querendo con-

servar a sua supremacia sobre os aborigenés vencidos, estabeleceram uma divisão rigorosa entre elles e os povos conquistados. Não eram elles todos iguaes por sua raça: embora fossem todos aryanos se dividiam em brahmanes de tez clara, *kshatryas* vermelhos e *vaisyas* amarelos. Falavam um mesmo idioma aryanó — o sanscrito e eram de tez mais clara que os aborigenés.

Essa divisão, estabelecida por motivos de ordem politica, adquiriu, mais tarde, o caracter de uma prescripção religiosa e foi, além de mais, se complicando em face do augmento de castas, que a principio eram quatro ou cinco. Estabeleceram-se novas diferenças, agora fundadas não somente na raça, mas também nas occupações das diferentes classes. Pode-se, sem embargo, citar, a proposito, tres classes superiores, a que pertencem os "duas ve-

zes nascidos" e os párias, cuja missão é viver a serviço das outras castas.

E' significativo que muitos dos missionarios que se dedicavam á propaganda da fé christã na India, achassem prudente respeitar o regime das castas e o papa Gregorio XV (1621-1623) publicasse uma bulla que regulamentava a sua applicação, mas não o supprimia. Os budistas contemporisavam também com o regime, embora Budha houvesse supprimido a divisão das castas.

Pois bem, essa instituição millenaria, que resistiu a todos os seus adversarios, ás religiões, aos apóstolos, aos renovadores, parece agora não poder resistir a esse homem esqualido que se encontra detido...

Tanto pode a força espiritual sobre todas as resistencias tangíveis dos interesses politicos, economicos ou de castas...

O alcool é uma das bases fundamentais da natureza. Seria inutil querer o homem prescindir delle. Assim o demonstraram as conclusões dos estudos que fez a respeito um dos mais eminentes sabios modernos: o prof. Muntz.

Vivemos rodeados de alcool. Respiramos, comemos e bebemos alcool. E, até quando morremos, os nossos restos são queimados por elle...

O Dicionario da Academia define o alcool como um "liquido diaphano, incolor, inflammavel, de sabor acre e cheiro forte e agradável, que por meio de destillação a fogo lento se consegue apurar os licores espirituosos e tambem de substancias organicas fermentadas". Tudo isto é verdade, mas não dá a idéa exata do que o alcool é para o chimico. Este pode hoje encontrar alcool em toda parte.

O alcool existe, por exemplo, na agua. Bebemos a agua dos mananciaes: o alcool é um dos seus elementos naturais embora em pequena quantidade. Da mesma maneira, se bebemos a agua de chuva. Dahi esta conclusão verdadeiramente desconcertante: não existe ninguém, por mais inimigo que seja do alcool, que o não beba diariamente; a não ser que se privasse de beber agua.

Só ha uma especie de agua sem alcool: a agua do mar. Mas até agora não se descobriu um processo para beber agua salgada...

Dissemos acima que respiramos alcool.

O ALCOOL

E, com effeito, este se desprende das partes da Terra que são abundantes em materias organicas, da mesma maneira que o encontramos no ar em estado de vapor.

Nas substancias que nos servem de alimento, em grande parte, pelo menos, encontramos alcool. Elle existe até no café e no chá, pois estas substancias procedem de plantas que crescem em paizes onde a terra é rica em substancias organicas. E como a vida de uma planta depende da terra, deduz-se que o alcool se combina com os demais elementos que constituem a estrutura fibrosa de ambos os vegetaes.

Todos os chimicos sabem que se encontra o alcool na batata, da qual elle pode ser extrahido. E ninguém ignora que a batata é um dos vegetaes que mais se comem no mundo.

Compreende-se que a presença do alcool nas substancias alimenticias não é o resultado de nenhum capricho, mas obedece á uma finalidade. Segundo os physiologos, o alcool tem propriedades estimulantes e neste sentido tanto actua no ar que respiramos como na agua que bebemos, como nos productos da terra, de que nos alimentamos.

Toda a substancia comestivel que contenha assucar sob qualquer fórma, é susceptivel de apresentar o phenomeno, chamado de fermentação vinicola e pode,

portanto, ser considerada como contendo todos os elementos e propriedades do alcool. E' claro, porém, que não nos estamos referindo ao producto commercial, mas ao producto natural. Ambos são analogos em principio, mas nas bebidas espirituosas, nos vinhos, nas cervejas, nos licores o alcool se encontra quasi sempre demasiadamente concentrado.

Na cerveja, tanto a doce como a amarga, encontra-se cinco por cento de alcool, pouco mais ou menos; nos vinhos ligeiros vinte por cento e nos alcooes de commercio, mais de cincoenta e sete por cento.

Na fermentação do pão acabado de fazer calcula-se que exista, aproximadamente, um por cento de alcool.

Alguns chimicos supunham que esse alcool era eliminado pelo calor do forno. Mas se demonstrou recentemente que semelhante supposição era erronea.

O dr. Thomaz Graham experimentou cozinhar pão sem alcool. Era um pão feito de levedura, mas no contendo mais que farinha e agua e no poudo eliminá-lo por completo, desde que a sua presença na agua é um facto constatado.

A leitura destes commentarios não deve, porém, alarmar as pessoas que tenham declarado guerra de morte ao alcool: o alcool natural, ingerido tal qual nos dá a natureza, é tão benefico quanto é prejudicial o producto da industria e do commercio.

Escola de Cultura "FLORIANO"

DIRECTOR INSTRUCTOR: JOSE' FLORIANO PEIXOTO

RUA DO HOSPICIO N. 697 — TELEPHONE 2543

Do pesado faz-se o leve e do fraco o forte—Massagens manuaes, gymnastica sueca, respiratoria e acrobatica.
BREVEAMENTE — aulas nocturnas e inauguração das aulas especiaes, de LUCTA ROMANA.

AULAS PARA SENHORAS E CAVALHEIROS

AULAS DIARIAS DE 6 AS 12 E DE 14 ÁS 18 HORAS.



FERREIRA

apresenta as
ultimas crea-
ções da moda
masculina

Rua Larga do Rosario, 138
1.º and. - Phone 6775



Esporte

O 2.º team do Santa Cruz vencedor
do campeonato do anno de 1932

Banco Auxiliar do Commercio

Installado em 26 de Dezembro de 1912

Com o capital realiado
de Rs. 600:000\$000

Tem hoje entre, capital e res-
ervas, a importancia de
Rs. 5.371:852\$470

Já distribuiu de dividendos,
entre seus accionistas, a impor-
tancia total de Rs. 3.269:021\$600

Filial na cidade de Caruarú
Endereço Telegraphico "AUXILBANCO"
Caixa Postal 215
Rua do Imperador Pedro II N. 290
RECIFE

LIVRARIA COLOMBO

Uma das melhores do
Recife

OBJECTOS DE ESCRITORIO,
ARTIGOS ESCOLARES

Papelaria - Typographia

M. Campos & Cia. Ltd.

Rua da Imperatriz, 254
PHONE 2744



Uma aula do dr. João Alfredo na Escola de Bellas Artes de Pernambuco

O CAPITÃO MAVROMATI



STAVAMOS sós, O Capitão me contemplava com a expressão satisfeita. Mudo de felicidade, tomei-lhe a mão direita e a beijei com agradecimento filial; fui logo

correndo para a minha cama e escoeidi o livro debaixo do travesseiro, dissimulando-o bem, entre um montão de roupa.

E desde aquelle momento a santa "biblia" da minha adolescencia — meu livro de horas, que não mais deixei de ler pelo espaço de dez annos e que tenho salvo de todas as catastrophes — havia de acompanhar-me por todos os meus caminhos ensanguentados, chegando a ser muitas vezes, em minha vida de menino atormentado, minha unica fonte de felicidade espiritual. Quantas vezes, tiritando de frio, horas e mais horas, na cama, me levantei para ir buscar o dicionario no logar onde o havia deixado por esquecimento! Já não consentia, ao relei-o, que me passasse uma só palavra, cujo sentido me resultasse obscuro.

Acabaram-se as preocupações! Já não conhecia fadiga nem brutalidades, nem pensamentos melancholicos, emquanto permaneci em casa de Kir Leonida; nada existia, já, que me desvanecesse da idéa de trabalhar e de tolerar a vida. Um homem vencido, acabava de pôr em minhas mãos um thesouro: cada uma das suas paginas encerrava um mundo de conhecimentos: cada uma das suas palavras abria, ante mim, horizontes completamente novos. Ademais, aquelle maravilhoso descobrimento que acabava de realizar por mim mesmo, sem a ajuda de ninguem, das palavras classificadas por ordem estrictamente alphabeticas, suscitou em mim a ambição de cahir de prompto no ponto exacto em que estava a palavra que eu queria buscar. As surpresas que se deparavam eram com frequencia mais forte que o desejo de encontrar uma palavra determinada; então me olvidava eu por completo desta ultima e do que estava lendo, e da taberna com todas as suas infamias, e do tempo que passava, e me deixava ir, encadeando ardentemente as palavras, de uma pagina a outra, de uma sciencia a outra sciencia, de uma philosophia a outra philosophia, de um acontecimento historico conhecido ao meio, a outra que me era totalmente desconhecido, de uma biographia que me deixava boquiaberto a outra que me arrancava lagrimas, interessado sempre em todas as particularidades da obra que me fôra presentada. Lia, altas horas da noite, emquanto meus companheiros roncavam em suas camas, á luz de uma véla, cuja claridade occultava debaixo de um guarda-chuva aberto, sobre o qual collocava, para maior segurança, minhas roupas. Encolhido, com a pequena luz fumegante junto do nariz, saltava a cada momento de um mundo a outro, até que um golpe de vento abria a porta e o Palurdo me chamava á realidade por entre bofetadas, depois de dar por bofetadas, depois de dar por terra com a minha laboriosa installação,

PANAIT ISTRATI

(Continuação do numero anterior)

Eu me deixava ficar tranquillo. Havia perdido o medo dos sopapos. Só possuía uma preocupação: esconder a mi-sobre o dicionario como nos outros tempos dormia com a cabeça nos joelhos da minha mãe. Na noite seguinte, voltava a estudar, tendo o cuidado de cerrar a janela com o maior cuidado possível.

Aquella alegria incommensuravel produziu em mim um effeito physico immediato: engordel! Meus musculos se fizeram duros como pedra e o sangue me saltava das faces. Comia e bebia com appetite.

+ +

Parece incrível que um criado — ainda que elle fosse um caixeiro omnipotente — um criado ao qual nós outros havíamos surprehendido com as mãos no alheio e do qual tinha suspeitas todo o bairro e até mesmo o patrão, podesse aterrorisar-nos a todos nós e a um pobre velho enfermo, sem que nenhuma das suas victimas tivesse a coragem precisa para denunciá-lo. Assim era, no entanto; aos olhos dos de-beis a autoridade constituída assume um poder illimitado. Eis como se explica a paciencia dos povos em frente á feitoria dos seus tyrannos: não é nenhuma pretensa superioridade moral o que dá força aos oppressores para ter o mundo sujeito aos seus caprichos, sinão a covardia dos opprimidos.

Na taberna de Kir Leonida passava-se algo de semelhante. Nosso verdadeiro patrão era o caixeiro, um campestre brutal com as maneiras de antigo soldado que, logo que consegue qualquer posto, mata, a golpes, os seus irmãos, no quartel.

Kir Leonida acabava de estabelecer, por aquella época, a alguns metros de distancia da taberna, uma fabrica de refrescos. No mesmo bairro tambem trabalhavam por conta de Kir Leonida alguns pedreiros e outros officiaes para restaurar varios edificios em ruinas. E tudo marchava pessimamente: na fabrica, as machinas não funcionavam bem; na restauração dos immoveis, aquelles homens pouco conhecedores do officio e sem ninguem que os dirigisse modificavam hoje o que haviam construido hontem. Kir Leonida e Barba Zanetto andavam desanimados entre aquellas emprezas desditosas. E passaram dias e mais dias entregues a examinal-as, não frequentando a taberna.

Aquillo vinha ao encontro dos desejos do Palurdo que reinava na taberna como um pachá, roubava mais e de melhor qualidade, mantinha a amante e martyrisava aos debéis, vingando-se, assim, dos annos de servidão e esperando o dia em que, com a bolsa bem recheada, se estabeleceria, por sua conta, com uma taberna melhor posta do que aquella em que "havia servido durante varios annos com fidelidade e honradez".

As coisas, porém, são como são... A's vezes, no mesmo momento em que dizemos "feito"! está perfeito. E isto era pre-

viamente o que lhe ia a occorrer, sem que nós outros fizéssemos coisa alguma, áquelle individuo que nos amargava a vida, a um ancião astmatico e a alguns rapazes ingenuos.

O capitão conhecia o caixeiro Demetrio desde o dia em que seu pae o levou pela mão e o apresentou a Barbara Zanetto, doze annos antes. Vio-o chegar cheio de doenças, com as roupas estarrapadas, calçado com sandalias, de cabellos tão crescidos que, para ver-lhe a cór dos olhos, havia que alçar-lhe a cabeça, porque sempre estava com a vista fixa no solo. Foi o mesmo capitão Mavromati quem o reanimou com a sua protecção, ensinando-lhe a maneira de servir-se do garfo, defendendo-o contra outros Palurdos e ensinando-lhe a lingua grega.

Deste momento para cá, aquelle "Dinu" Paturica" typo eterno do palrador universal, seguiu por instincto o caminho que o grande escriptor romeno Nicolai Filimon traçou de uma maneira definitiva e immortal em o prototipo que descreveu ha um seculo enlameou a mão que não podia morder até que, desfazendo-se de toda tímidez, levantou a cabeça para olhar o mundo com seus olhos de vibora e se deu á tarefa de deltar por terra a todos aquelles que considerava como obstaculos em seu caminho para a fortuna.

O capitão Mavromati se converteu, para elle, de bemfeitor em "o olho do patrão"; considerou os companheiros que suspeitava pretendiam eternizar-se na taberna e aprendiam o grego com a intenção de supplantá-lo, como rivaes, aos quaes ha considerou os companheiros, que suspeitavam; nenhum conseguiu permanecer mais de um anno na taberna de Kir Leonida.

Deste modo se viram obrigados, de bom grado ou á força, Barba Zanetto e, logo, seu filho, a permanecer com o unico empregado que conhecia os clientes, que estava ao par do stock de bebidas e dos costumes da casa e que falava a lingua grega, coisa indispensavel naquelle bairro.

Ao reinado de Palurdo estava, porem, reservado um ponto final.

Depois de seis mezes como empregado de Kir Leonida, graças á amabilidade do capitão e á minha applicação, eu já falava o grego muito melhor que o nosso tyranno, coisa que o punha em situação sobremodo ridicula. Fiquel, deste modo, com a sympathia de todos os clientes de importancia que me falavam unicamente em grego e que exigiam ao patrão fosse eu quem os servisse. Kir Leonida accedeu, satisfeito, fazendo-me deixar o antigo logar de "lava-pratos", passando-me para o restaurante. Adeus a potassa abrasadora e as mãos chelas de calos!

Bem trajado, embora discretamente, com um avental branco como a neve, bem penteado, eu ia me sahindo bem dos meus novos mistêres.

Devia dar provas, obretudo, de possuir as qualidades indispensaveis a um bom caixeiro: memoria, circumspecção, destreza, prudencia e rapidez. Atirei-me, com fé, á lucta pela vida, e conseguí desempenhar-me a contento de todos, salvo, está claro, do Palurdo, que não queria dar fé ao que viam seus olhos.

O capitão Mavromati allegrou-se com a

minha nova situação, como si o houvesse sido ao seu proprio filho: minha mãe, ao sabel-o, chorou de alegria. E não paravam ahí as coisas. E' commum ouvir-se dizer que "uma desgraça nunca vem só". Eu creio tambem que a boa sorte se desdobra em certas occasiões; si assim na occorresse a vida ser-nos-la impossivel.

Uma crueldade brutal do Palurdo deu logar a uma nova modificação nas minhas tarefas, collocando-me em situação quasi ideal: tendo surprehendido a dois companheiros bebendo um pouco de licor, o feroz caixeiro bateu-lhes a ponto de tirar-lhes sangue.

Aquelles infelizes fugiram para não mais voltar, logo que se viram livres das suas mãos. Enquanto se tomavam os seus substitutos e se punham estes ao corrente dos serviços tive que dar cumprimento ás obrigações que competiam aos fugitivos. Como é natural, tive a meu cargo tarefas agradaveis e desagradaveis.

Entre as primeiras coube-me a de ir ao mercado, caminhando por uma rua que me deixava olhar o Danubio que eu tanto anclava voltar a ver, como um presidiario que suspira pela sua liberdade.

Durante seis mezes de reclusão, desde outubro até abril, não havia voltado a contemplar o meu querido Danubio, sinão uma vez, pelo Natal. Com que prazer eu gostava de ir, durante o inverno, dar livre curso a minha melancolia, olhando o rio, aqui e acolá petrificado pelo gelo, ou com os seus carambanos encrespados como titans rebeldes!

Está claro que, para fazer frente a semelhante nostalgia deviam ser grandes as compensações que eu contei na amizade do capitão e em sua "biblia" maravilhosa.

+ +

E agora, bruscamente, me encontrava livre; bem me havia custado aquella liberdade e, por isso mesmo, era bem maior a minha alegria, sentindo-a.

A primeira hora da manhã, de novo ás dez, tinha que correr ao bairro levando o menu' do dia. Este serviço constituia para mim um motivo de grande alegria.

+ +

Certa vez pude conversar com o capitão Mavromati que me falou acerca da sua vida:

"Eu nasci no mar — disse-me elle — e nunca suppuz que pudesse viver e morrer fóra do mar.

A caravela do meu pae navegava pelo mar Egeu; nella e junto a elle tinha a sua familia; compartilhavamos todos do sociego e das preoccupações da vida de maritimo.

Mortos meus paes, fiz-me eu o dono unico da caravela, á força de agravos e injustiças que não reparoi ao commetter-os, prejudicando ao meu irmão e minha irmã, ambos de menor idade. Talvez eu esteja hoje espiando este meu acto. Por isso hoje, quando me magoam, nada faço. Poderia, em qualquer momento, fazer com que mettessem o caixeiro no carcere, porque elle roubou e continu'a roubando. Não

precisamente bebidas, porem milhares de francos. Calo-me, no entanto. Que adelantaria denunciando-o. Eu mesmo já não fiz a mesma coisa? Não rouba tambem o sr. Zanetto? Todo o mundo rouba, rouba todo aquelle que pôde.

E, que ganharia eu fazendo este favor aos meus opulentos amigos? Prosseguiria sendo para Kir Leonida o mesmo Mavromati de sempre. Meus amigos e eu temos deixado verdadeiras fortunas na taberna de Zanetto.

Os amigos! A amizade! Eu não os renego, porem de quantos crimes somos capazes sem deixar de er amigos, rendendo um culto fervoroso á amizade!

+ +

Eu era jovem. Ambicioso, portanto. Quiz possuir um vapor mercante. Estava



O capitão Mavromati

farto da caravela. Nada de veleiros! Capitão de barco! Capitão do meu barco. Singrar os mars, oceano a dentro...

Um banqueiro, meu velho amigo de infancia, emprestou-me a quantidade de dinheiro que me faltava, depois de vendida a caravela — e eis-me "commandante do meu proprio barco!"

Accommetteu-me então uma especie de allucinação. Suppuz-me senhor do mundo!

Orgias, dissipações, que me allucnaram e me fizeram esquecer que ainda tinha dividas a saldar.

— Bravo Mavromati!

— Irra Mavromati!

Estava casado com uma hespanhota que tinha tanto desprezo ao barco como a minha mãe á caravela, e cheguei depois de muito custo a saber do motivo daquella indifferença: mais commodo do que viajar commigo, no barco, era trahir-me com o meu amigo banqueiro. Ali, não a preoc-

cupavam as tormentas. Nada, Amigo! Esquiva-te de possuir um amigo banqueiro!

E um dia elle e eu nos arrancamos nossas magnificas barbas. Hypotequei o barco, paguei a minha divida e recolhi minha mulher. Melhor seria que eu a houvesse deixado em companhia do banqueiro, como saldo de conta. A mulher, meu amigo, é como o sol: não te acerques demasiado della, porém, tampouco te afastes della em demasia. Em todo caso, possuir, ao mesmo tempo, mulher e barco não é possível: infallivelmente um dos dois tem que ir a pique.

+ +

Depois do meu duplo naufragio fiquei sem um carinho sincero. Foi então que me lembrei de Zanetto, ao qual havia feito rico. Restava-me ainda algum dinheiro e me propuz entrar amistosamente na sociedade. Ella me fez ver que "dois sabres não cabem na mesma bainha" e me disse — "si quizeres, podes viver ao meu lado". Fiz das tripas coração e vivi ao seu lado. A principio tinha fé no futuro, e confiava nos meus amigos. Faziamos juntos as raras refeições e em certas occasiões nos davamos um banquete. Os commandantes dos navios, amigos meus, me apreciavam e me promettiam "o mar Negro e o monte Athos".

Passaram os dias e os annos. Meus bons amigos, os que podiam salvar-me, foram desaparecendo um atraz dos outros. Zanetto, entretanto, ia se fazendo poderoso. Eu enfraquecia e acabei por ficar enfermo. Alguns tempos depois, quando esgotei as minhas economias, não me foi possível corresponder ás gentilezas recebidas com banquetes: e já agora estás vendo o resultado — quando, entre amigos, é sempre um o que paga as despesas o apreço se esvae e, com o apreço, a amizade. Poucos são os homens que constituem uma excepção a esta regra.

Não tardei em ver-me andrajoso e sujo. Já nada me restava do altivo Mavromati. Nem sequer meu tratamento de "capitão", que se me negou e que passou a ser objecto de mofa para a juventude alegre da taberna. O "capitão" Mavromati se converteu em lenda!

O caixeiro, seguindo o exemplo de todos, me servia vinho azedo e induzia aos ingenuos rapazes para que me transformassem em objecto de mofa e, finalmente, que me martyrisassem.

A ninguem confiava eu as minhas queixas. Dizia, apenas, commigo mesmo, por entre dentes:

— Pobre capitão Mavromati!"

+ +

O Palurdo, com a minha nova situação, ter-me-la comido vivo si lhe fosse possível. Não se passava um dia, sequer, que elle não me applicasse tremendas bofetadas.

— Um de nós dois terá de deixar esta casa. E fica-te certo de que serás tu... — dizia-me elle.

(Conclue na pag. 40)



A ALMA ATRAVÉS DA LETRA

REVELAÇÕES DA ESCRIPTA

SIMPLES pericia de escripta como é a graphologia, propõe-se apenas ao exame de certas marcas que são peculiares á letra de cada individuo e constante em sua escripta. Desta sorte, a escripta disfarçada pôde muito bem induzir um graphologo a um erro de apreciação, principalmente no caso de um rapido exame e não de uma pericia meticolosa como ás vezes é possível fazer.

Aquelle que disfarça ou altera a propria letra e péde sobre esta deformação uma analyse, é como o individuo que desejasse um retrato, e na occasião de se abrir o obturador da objectiva da machina photographica dizesse uma careta. Obteria um retrato alterado, no qual só alguns traços mais accentuados seriam reconhecíveis.

Em graphologia dá-se o mesmo, porque o disfarce da letra nunca se pôde dar de um modo completo, havendo traços que persistem apezar do esforço de quem procura disfarçar a propria letra.

Uma letra só em ser disfarçada, já revela uma tendencia má no caracter do autor. Assim é que, as letras com que se compõem todas as cartas anonymas são sempre disfarçadas e não ha maior symptima de uma inferior personalidade, do que o anonymato. Os individuos capazes de escrever ou tomar em consideração cartas anonymas, são sempre de fraca personalidade.

Frei Lucas.

ESTUDOS

9 — AMOR (S. Paulo) — A sua letra indica um homem que não se preoccupa de ser muito polido no trato com os outros homens. Tem tido uma vida de intensa actividade, de modo que tem uma vontade fortemente orientada no sentido das suas aspirações. Não costuma adoptar resoluções de impeto. Antes raciocina, compara vantagens e quando se resolve, então, torna-se quasi sempre obstinado em sua idéa. Os obstaculos já não lhe mettem susto porque está habituado a vencer-os. Em muitos casos apresenta todas os caracteristicos de muito pertinaz e até teimoso.

Não teve tempo, ou não se preocupou nunca, com os assumptos pertinentes ao espirito. Não cuidou muito das vantagens de uma boa cultura intellectual; creio que as meditações deste genero sempre se lhe afiguraram como "uma massada". Foi sempre um homem pratico até mesmo em questões de amor. O seu pseudonymo que poderia á primeira vista

parecer escolhido por um sentimento, enganosa, porque se trata de uma pessoa que considera até mesmo as questões amorosas, como simples necessidade a satisfazer. E assim como uma regalia, ou um goso que a pessoa que está em condições, pôde se permittir. E' para si e transige pouco para com terceiros. Não será capaz de adoptar nunca, o lemma dos rotarianos que é, "pensar nos outros antes de pensar em si".

10 — FLOR DE LILAZ — Um ar muito singelo, uma apparencia muito calma, os gestos lentos mas graciosos, produzem uma impressão de que a autora letra é uma creatura toda bondade. Todavia, Flor de lilaz é pouco communicativa, procura muito conter-se e a sua vontade não a ampara muito em suas ambições ou cesejos. E' relativamente facil de desanimar quando deseja attingir um alvo distante. Como força de vontade é tambem em parte producto de disciplina e cultura, poderá melhorar muito ainda, sobretudo se modificar sensivelmente os habitos actuaes.

A sua bondade natural e o seu habitudo de se conter em presença das cousas adversas lhe ajudarão certamente muito

a vencer, com o auxilio do tempo, os obstaculos que a vontade não puder remover de prompto.

XIXI — Só a assignatura não basta para um exame graphologico.

SMITH — A mesma resposta que para Xixi.

CARMELIA. Idem.

São numerosos os casos de pessoas que nos têm remettido duas ou tres linhas escriptas de occasião e alguns exemplares da assignatura, tornando impraticavel um exame razoavel. Todas estas deverão procurar obedecer melhor ás condições aqui estipuladas para o estudo da letra.

Leitores: Enviem-nos a sua escripta, conforme as condições estipuladas e faremos um estudo directo do vosso caractere.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a: Frei Lucas — Secção graphologica de PRA VOÇE — Rua do Imperador Pedro II, 221-3.º — Recife.

CONDIÇÕES PARA AS CONSULTAS:

Para que o encarregado desta secção possa attender ás suas consultas, é necessario que as mesmas obedeçam ás condições seguintes:

- Remessa de autographos diversos, se possível, escriptos em épocas diferentes, á tinta e em papel sem pauta.
- Um ou mais exemplares da Verdadeira assignatura.
- Indicação de pseudonymo para effeito de publicidade.

A correspondencia deve obedecer ao endereço que está no quadro acima e vir acompanhada deste copon:

Esmalte Universal

Especial para pinturas em madeira, ferro, metal polido e toda classe de decorações.

Fabrica-Deposito

RUA DO RANGEL, 184

FABRICADO POR

João Martins de Athayde

SOLICITO O EXAME GRAPHOLOGICO A MINHA LETRA SOBRE OS EXEMPLOS ANNEXOS

NOME: _____

PSEUDONYMO: _____

PRAVOCÊ

==== Editada pela Empresa "Diario da Manhã" S. A.



FICÇÃO E REALIDADE

(Para esta revista)

Goethe, o maior classico e o mais moderno dos poetas, depois do centenario de sua morte, não se reconheceria através da sua legião de criticos se voltasse ao mundo -- como promettem os amaveis irmãos espiritas.

Morris, Duntzer, Vieter, desde o começo do seculo até esse lamentavel D' Harcourt esmiuçaram-lhe a juventude e intentaram uma analyse de seus amôres tão calculada, feita de volupia, desercanto e cynismo -- que se nota claramente o excesso de imaginação e parcialidade deante do estudo sincero que Witkop apresenta da sua vida na documentação de seus livros. Todas as obras de Goethe são confissões.

Em seus amôres o deus intellectual da Germania ainda soffreu os incriveis commentarios, para leitura de bonde de suburbio, de Leopold Sterne -- que ainda considera o Werther o proprio destino do romancista -- quando o genio de Schiller além de descobrir o conflicto no espirito dos jovens ao passar da theoria á acção, da adolescencia á idade madura já havia reconhecido nas paginas dolorosas, inspiradas pelo suicidio de Benjamin Jerusalem, todo o problema historico da Allemanha.

As mais simples intenções de seu Wilhelm Meister (a vida que elle desejou ter tido) de Ficção e realidade (a vida que elle viveu e confessou a Eckerman) do Fausto (o pendent dramatico de Meister) -- mereceram dos Schmidt, dos Bode, dos Gundolf tantas interpretações que resalta, a olhos vistos, a deformação da ideia primitiva do texto. A historia, mesmo, tem sido mentirosa e inclemente para o filho do conselheiro João Gaspar. Napoleão, o numero um, nunca lhe disse do alto de suas esporas: Herr Goethe o sr. é um homem. A phrase foi pronunciada de outro mundo deante de Daru e Berthier. A sua morte foi calma, lucida, como a descreveram Coudray e Muller e nenhum dos presentes ouviu o celebre "licht, mehr licht".

De certo os heroes, os homens de genio se realizassem o milagre incommodo da resurreição tornariam ao silencio do tumulo na certeza de que, no mundo dos vivos, a realidade é apenas uma delgada moldura da ficção.



GRETA GARBO



NORMA SHEARER



ANN HARDING



KAY FRANCIS



LUPE VELEZ



COLLEEN MOORE



BILLIE DOVE



POLA NEGRI



CAROLE LOMBARD



LILA LEE

A MUDANÇA DE NOME É UM PASSAPORTE PARA A GLORIA

Origens humildes e appellidos vulgares dos artistas do cinema

NOS primórdios do cinematographo os seres humanos não necessitavam de nomes. Não occorre aos noruegueses pôr nomes em suas sardinhas quando as exportam para o vasto mundo; do mesmo modo, os artistas cinematographicos não pensaram em tal coisa no principio do cinema.

Gladys Smith apparecia já naquella época da infancia vacillante do cinema e se a identificava só com o nome da moçoço Biographo, que parecia sufficiente para o momento; porém mais tarde nós a conhecemos com o nome de MARY PICKFORD.

Chegou-se a um tempo em que os fabricantes de filmes descobriram que o publico se animava de certo interesse pela personalidade dos artistas e começaram a applicar-lhes nomes até que este costume se converteu em requisito indispensavel ao negocio.

O PRIMEIRO E O ULTIMO NOME

ANN HARDING, por exemplo, chamava-se Dorothy Gattety; RICHARD DIX iniciou-se na cinematographia como Ernest Carlton Brimmes; STAN LAUREL sr. Arthur Stanley Jefferson antes de atingir a popularidade; CAROLE LOMBARD não era mais que Jane Petters; RAQUEL TORRES começou chamando-se Paula Osterman e MYRNA LOY era Myrna Williams quando, menina, corria pelas ruas da sua cidade natal. MAE MURRAY foi Maria Koenig; BESSIE LOVE chamou-se Juanita Horton, como se chamou Kathleen Morrison a que agora é COLLEN MOORE.

VICTOR MAC LAGLEN nasceu em Londres e, na tenra idade ainda dos quatorze annos, teve sua primeira occupação no regimento da Guarda Real, occupação remunerada com dois ou tres schillings diarios e um uniforme de magnificencia superlativa. Seus paes, alarmados, tiraram-no do brilhante emprego, apenas descobriram seu paradeiro. JOAN BENNETT entrou neste mundo por Pallsade, Nova Jersey e seu primeiro esforço commercial foi uma comedia de fabricação caseira, intitulada — "Ignês e o Ratão"; desempenhou em pessoa ambos os papels da comedia e ganhou, assim, um dollar, cobrado com bastante difficuldade ás pessoas da sua familia.

LILY DAMITA é uma menina parisi-

ense que trabalhou temporariamente como ballarina infantil em um café de terceira ordem, ganhando seis dollares por semana.

ROBERT MONTGOMERY viu a luz, pela primeira vez, em Beacon, Nova York, e chegado á idade de trabalhar se empregou como secretario de um editor que lhe pagava dezesseis dollares, por semana. JEAN CRAWFORD, nascida em Santo Antonio, Texas, se incorporou a uma companhia de revistas com um salario de vinte dollares semanais. O verdadeiro nome de BILLIE DOVE é Lillian Bohny; o de ROLAND DREW é Walter Goss; e o de GILDA GRAY, Marianna Micholska. LILA LEE chamou-se Augusta Appel. DON ALVARADO foi José Paige. Monty Banks e, em realidade, Mario Bianchi e FANNY BRICE se chama Frances Boroch.

Muito poucos actores do cinema usam em seus nomes as duas primeiras iniciais, coisa muito commum nas outras espheras. Entre esses poucos contam-se W. C. FIELDS, H. B. WARNER e O. P. HEGGIE.

JACKIE COOPER nasceu em Los Angeles e obteve seu primeiro emprego na companhia de comedias Hoyd Hamilton com o ordenado de dez dollares por semana. NORMA SHEARER é uma moçoça de Montreal, que em outros tempos ganhava sete dollares diarios como "extra" de uma empreza cinematographica recém-fundada.

ROBERT AMES, que chegou ao mundo em Hartford, Connecticut, foi a principio, conferente de armazem; pagavam-lhe oito dollares cada sabbado. RICHARD SHAYER percorria em bicycleta os bairros suburbanos de Washington, recolhendo noticias para um periodico que o remunerava com quatro dollares semanais.

BEN BARD começou sua carreira com seu verdadeiro nome de Benjamin Greenburg; JOHNNY ARTHUR, com o de John Williams; WALTER BYRON, com o de Walter Buttler, e POLA NEGRI, com o de Apollonia Chaloupée.

ANTES DE HOLLYWOOD POSSUÍ-OS

GEORGE BANCROFT começou a trabalhar com a idade de nove annos, com um salario de dois dollares por semana. Morreu seu pae e George resolveu affron-tar realmente a vida; escondeu os livros escaleara na casa de um camarada, vestiu



STAN LAUREL



RAMON NORAVRO



WILLIAM HAINES



RICHARD ARLEN

PRAIAS



Flagrantes colhidos pela reportagem photographica de "P'ra Você" nas praias de Boa Viagem e Olinda



"PARA CONSERVAR E ADQUIRIR BELLEZA"

CULTURA PHYSICA E BELLEZA FEMININA

Para a mulher, o problema da cultura physica não se deve apresentar somente sob o ponto de vista esthetico ou como um simples correctivo de deformações do corpo.

Se, realmente, muito vale a gymnastica para corrigir um ventre cahido pela diminuição de tonicidade da parede muscular ou volumoso pelo excesso de gordura, não menos importante é a sua influencia sobre a saude tanto physica como mental.

Preparar a mulher, educando-a physicamente, é alicerçar a regeneração da raça.

Já Fouillée nos disse com sabedoria que "a mulher não está encarcerada no seu "eu", ella é a humanidade visível; e a sua educação é uma obra cujo interesse se projecta além do individuo".

Na harmonia do seu desenvolvimento corporal reside, muitas vezes, o segredo da "sã maternidade".

Com a educação physica todo o organismo se revigora. A musculatura abdominal pelo exercicio ganha em tonicidade, evitando-se assim o relaxamento desses musculos, o que garante a estabilidade dos órgãos internos e afasta a possibilidade da "ptoses".

Estas são facilmente evitáveis pela cultura physica que mantém o vigor muscular da parede do ventre.

Nesse particular ninguém se illuda: — todo processo artificial de contensão, como as cintas, para nada serve senão para agravar a deformação existente, diminuindo ainda mais a actividade dos musculos da parede abdominal.

Em synthese, atrophiam-se os musculos, deslocam-se as visceras e cae o ventre — eis as consequências da falta de cultura physica.

Esa cultura, porem, há de ser rigorosamente hygienica para tornar-se util.

Infelizmente não é facil, na pratica, fazer exercicios conforme as leis de hygienic. Assim, todo exercicio deve satisfazer duas condições essenciaes:

Activar a respiração (ponto de vista physico) e recrear o espirito (ponto de vista moral).

A alegria é uma necessidade para a saude physica como para a moral.

Uma creança que não brinca é ou será doente. O prazer é uma imperiosa indicação hygienica da gymnastica.

Reclamemos, pois, para os escoliares brazeiros uma gymnastica capaz de corrigir pela sua finalidade hygienica os erros da nossa velha organização educacional.

Servimo-nos, para terminar das palavras autorizadas de Lagrange:

"L'enfant aurait besoin de courir en liberté, et on le fait marcher en rang; il faudrait chercher à activer sa respiration sans trop fatiguer les muscles, et on lui fait faire une gymnastique "aux appareils", qui tend à fatiguer les muscles sans augmenter l'activité du poumon; il faudrait le laisser "jour" à l'air libre, dans un grand espace, et on le fait "travailler" dans l'étroit préau d'une école ou dans l'air confiné d'un gymnase".

CORRESPONDENCIA

Mlle. Annita (Recife) — Seu caso não pode ser resolvido através de simples

informações por escripto. E' melhor procurar o especialista de sua confiança para fazer-se examinar convenientemente.

Mlle. Zilda (Recife) — Se é como informa na sua carta, aliás muito laconica, bastará para corrigir-lhe esse defeito friccionar pela manhã e á noite com algodão embebido em

Licor de Hoffmann 100 grs.
Acido salicylico 2 grs.

DR. WALDEMIR MIRANDA.

(Consultorio á Praça da Independencia, edificio do arranha-céu).

Restauração da pelle pelo W. 5

E' com a maior satisfação que annunciamos ás nossas queridas leitoras o apparecimento, em nosso paiz, das drageas W-5, que na Europa estão causando verdadeiro successo e são consideratias mais importante descoberta da sciencia, nestes ultimos tempos. W-5 contém os "corpos de immunnidade" que o sabio allemão, dr. Kapp, conseguiu seleccionar no sôro subcutaneo, os quaes têm activa e energica acção sobre a vida da pelle. Com o W-5 se consegue, pois, reconstruir — por influencias internas da propria natureza, — a pelle envelhecida, murcha e cheia de pés de



pelle lisa, clara e elastica. Reactivando a circulação nos vaggallinha, transformando-a em sos sanguineos capilares e provocando o desdobraimento de células, o W-5, renova a pelle não só do rosto, mas de todo o corpo; torna o busto firme e os seios erectos e turgidos. As photographias que illustram esta noticia, — as quaes não soffreram nenhum retoque, — representam a senhora X., antes e depois do tratamento.

Sobre esse prodigio preparado, prestam-se todas as informações no "Consultorio W-5", á rua João Pessôa, 253 - 1.º andar — Phone 6481.

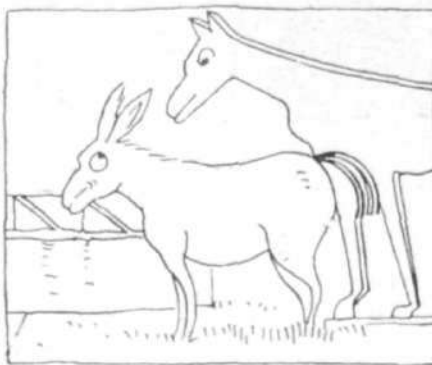
Depositario — J. Costa Rego Junior
Rua João Pessôa 253 - 1. - PHONE 6481 - Recife

ADAGIOS ILUSTRADOS

POR M. BANDEIRA



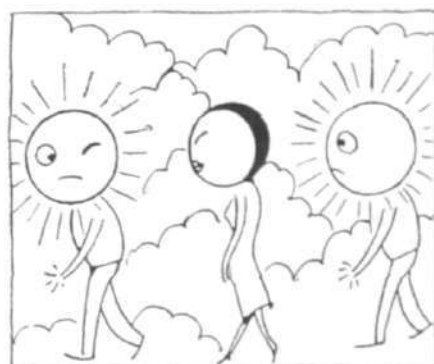
Cada coruja gaba seu toco.



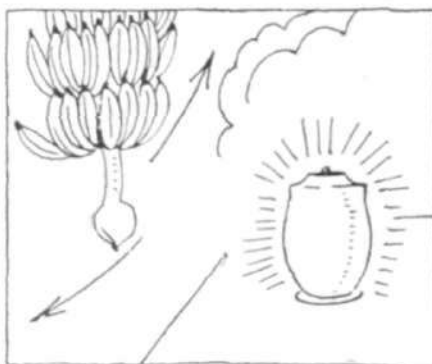
Besta grande, cavallo de pão.



Casa de ferreiro espeto de pão.



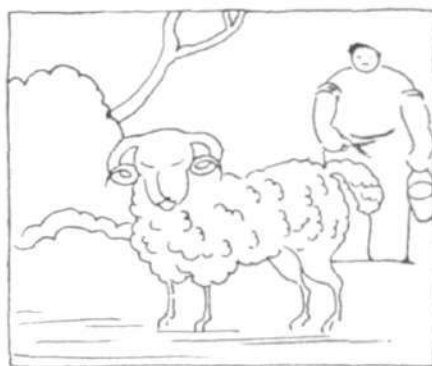
Não ha nada como um dia atraz do outro e uma noite no meio.



Nem tudo que balança cae, nem tudo que reluz é ouro.



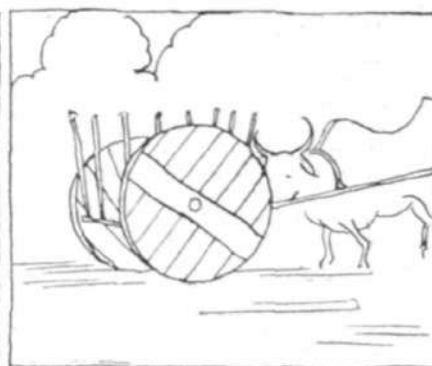
Quem quer cavallo sem falta vai a pé.



Quem tem carneiro, tem lã.



Esmola grande o pobre desconfia.



O carro adiante do bol



Lobo não come lobo.



Santo de sasa não faz milagre.



Peixe oferecido, ou está podre ou moldo.

◆◆◆ SOCIAES ◆◆◆

DR. RAMOS LEAL

Fez annos no dia 17 do corrente, o illustre dr. Alvaro Ramos Leal, conhecido e humanitario clinico nesta cidade. O dr. Ramos Leal foi alvo de significativa demonstração de sympathia dos seus collegas, amigos e admiradores.

Fazem annos hoje:

- Sr. Bernardino Ferreira da Costa.
- Sr. Eduardo Couto.
- Sr. Hermogenes Ferreira.
- Sr. Aluisio Ferreira de Souza.
- Sra. Maria Amelia Silva.
- Sra. Herundina Bandeira.
- Senhorinha Albari Madureira Pará.
- Senhorinha Ernestina Pereira.
- Senhorinha Juanita Loyola de Assis.
- Mario, filho do sr. José Maria Pereral.
- Aldrovando, filho do sr. Ernesto Caldas.
- Maria Ruth, filha do casal Aluisio Ferreira.
- Mariétta, filha do sr. José Paredes.

Amanhã:

- Professor Francisco Marques da Trindade.
- Sr. Pedro Francisco de Albuquerque.
- Sr. Aloysio Peregrino de Souza.
- Sra. Maria Annunciada Silva.
- Therezinha, filha do sr. João de Souza Canto.
- Antonio, filho do casal Gerson Luna.

Sabbado:

- Sr. Alberto Passos.
- Octavio Moraes.
- Sra. Maria Alves da Silva.
- Laerson, filho do sr. Francisco das Chagas.
- Paulo, filho do dr. Raul dos Anjos.



Senhorinha Iracy F. Ferreira, filha do Sr. Armando F. Ferreira, proprietaris de conceituada empresa typographica nesta cidade e da sra. Elisa F. Ferreira, sua esposa.

Domingo:

- Sr. Waldemar Magalhães Porto.
- Sr. João Chagas.
- Sra. Eugenia Castro.
- Senhorinha Coralina Ribeiro.
- Senhorinha Billa do Monte.
- Senhorinha Maria Carmelita Seixas.
- Sideria, filha do sr. Luis Toscaos de Britto.
- Maria das Graças, filha do sr. Raulpho Dias.

VIAJANTES

Embarcou para o ilho, segunda-feira passada, o dr. Octavio de Freitas, director da Faculdade de Medicina. S. s. viajou a bordo do "General San Martin".

Pelo "Flandria" chegou a esta cidade o sr. Luis Severiano Ribeiro, socio da empreza dos cinemas Parque, Royal e Polytheama. Veio do Rio, onde é arrendatario de grande numero de cinemas, tratar de negocios de seu interesse nesta capital.



CLUBE DE TENNIS DE BÔA-VIAGEM

Promovida pela Sociedade Pernambucana de Assistencia aos Lazaros e Defeza contra a Lepra realizar-se-á no dia 11 de fevereiro proximo, nos salões do Clube de Tennis de Bôa-Viagem, cedidos pela sua directoria, um grande festival dansante em beneficio dos doentes do Hospital dos Lazaros. A directoria daquella sociedade, composta do desembargador Luis Salazar, dos drs. Francisco Clementino, Costa Ribeiro, Luis Faria e Antonio Leitão e das senhorinhas Suzana Oliveira e Zezita Guimarães, enviou-nos convite.



Recentemente formado pela Universidade do Rio de Janeiro, encontra-se em Campos do Jordão, Estado de São Paulo, o nosso conterraneo sr. dr. João Asfora, que se acha interno no Sanatorio São Paulo, naquella localidade, dedicando-se á sua especialidade de doencas internas—tuberculose.

CINEMA



JEANETTE MAC DONALD

Morrer com bôa saúde...



(“Charge” de Villares, espectralmente para esta revista)



ADA, nada mais nos resta, minha amiguinha...
 — Não, amor! Não fales assim!
 — Só nos resta uma solução a tomar...
 — Pois bem: tomemol-a!
 — Uma decisão fulminante, impressionante...
 — Qual?
 — Morreremos juntos!
 — Ah, sim!... Mas não hoje... Hoje não me sinto bem de saúde...

Uma interessante e oportuna publicação

O dr. Humberto Moura, administrador das Docas do Porto, está empenhado na divulgação de um trabalho, muito interessante e oportuno, através do qual, dentro e fóra do país, serão dadas a conhecer as possibilidades do nosso Estado em qualquer dos ramos das nossas actividades.

“Docas do Porto” será, assim, graças á opositoridade do seu illustre e esforçado director, um vehiculo seguro de propaganda da economia pernambucana, preenchendo, ao mesmo tempo, uma finalidade ampla e patriótica.

O apolo offerecido pelo commercio a esta iniciativa pede ser calculado por esta lista de annunciantes que já emprestaram o seu valioso contingente ao notavel trabalho de divulgação — redigido em tres idiomas — idealizado e prestes a ser dado á publicidade pelo dr. Humberto Moura.

Barão de Suassuna (Usina Mameluco e Limoeirinho) — Siqueira Cavalcanti & Irmãos (Usina Pedroza) — A. P. da Costa Azevedo (Usina Catende) — Pessoa de Mello & Cia. (Usina Alliança) — José Rufino & Cia. — Felix Córdova & Cia. — Pernambuco Tramways and Power Limited — Rodrigo de Carvalho & Cia. — Souza Leal — Narciso Maia & Cia. — Albino Silva & Cia. — Wallace Ingham — Horacio Saldanha & Cia. — Pinto Cardoso & Cia. — Silva Santos Soutinho & Cia. — Alberto Amaral & Cia. Lda. — João Pinheiro & Cia. — P. Jurisch — Wilson Sons & Cia. Lda. — Herm Stoltz & Cia. — Magalhães & Cia. — Companhia Mineração e Metallurgia (COBRASIL) — Bostermann & Co. — Jaques Wallach — Alberto Fonseca & Cia. Lda. — Oliveira Filho & Cia. — Grandes Moinhos do Brasil S. A. — Ramiro & Irmãos — José T. de Moura & Cia. — Williams & Co. — Seixas Irmãos & Cia. — Dietiker & Cia. — José de Vasconcellos & Cia. — Silva Guimarães & Cia. — Arnibal Gouveia — Andrade Maia & Cia. — Pinto Alves & Cia. — Pereira Carneiro & Cia. — Renda Priori & Irmão — Afonso de Albuquerque & Cia. — Bernardo Kelner Sobrinho — S. A. Casa Pratt — Banco do Povo — The British Bank of South America — The National City Bank of New-York — Banco Regional de Pernambuco — Banco Auxiliar do Commercio — Cunha & Ozorio — A. Bastos Leite & Cia. —

(continua á pag. 42)



FACTOS DA QUINZENA

A passagem da 1ª Divisão Naval que vai ao extremo Norte zelar pela neutralidade do Brasil no conflicto entre o Perú e a Colombia, pela posse da cidade de Lecticia

A SABEDORIA DE CONFUCIO

CERTO dia andava Confucio pelas margens silenciosas do rio Amarello, apanhando aqui e ali um crisathemo, quando delle se approximaram dois campesinos, em cuja humildade sua experiencia leu, desde logo, os signaes da perfidia.

— Este homem — disse o primeiro — duvida da tua sabedoria. E, como eu lhe hei affirmado que tu jamais te enganarias, venho a pedir-te, mestre, que nos acompanhes até a aldeia proxima, onde o povo aguada tua sanha palavra, para a definitiva soluçao de uma contenda.

Apanhando aqui e ali uma libélula, o sabio tomou, sem pressa, o caminho do povoado que lhe fôra indicado. A barba lisa e grossa cahia pelo peito amplo. E foi assim, com a calma nos gestos e a serenidade no coração, que se deteve com os dois guias á sombra de uma cerejeira, em torno da qual os homens se agrupavam. Amarradas ao tronco da arvore, duas ovelhas, que miravam a turba que as rodeava, com os olhos innocentes, eram o motivo daquelle curiosidade.

Entre o silencio de todos, o homem sem fé explicou o motivo da disputa:

— Estas duas ovelhas, mestre, são mãe e filha. Eu assegurei, sem embargo, que tua sabedoria venceria a difficuldade, esclarecendo essa luvida em que nos debatemos. Quiéta, os olhos voltados para o sabio, a multidão esperava, ansiosa, a opinião do mestre. Sem dizer palavra, Confucio deu alguns passos, apanhou na terra agreste um punhado de erva humida e stirou-a ao solo, entre as duas ovelhas. Uma destas baixou a cabeça, cheirou a erva e empurrou-a, com o focinho, para a outra. Esta baixou a cabeça e começou a comer.

Silencioso e bom, o philosopho acompanhava, com os olhos, o gesto manso dos animaes.

Ao cabo de alguns minutos, estendeu o dedo e indicou a ovelha que devorava o pasto.

— Esta é a filha — disse. E levantando o dedo:

— Porque só as mães, oh chinezes, se privam do alimento para satisfazer a fome dos filhos!

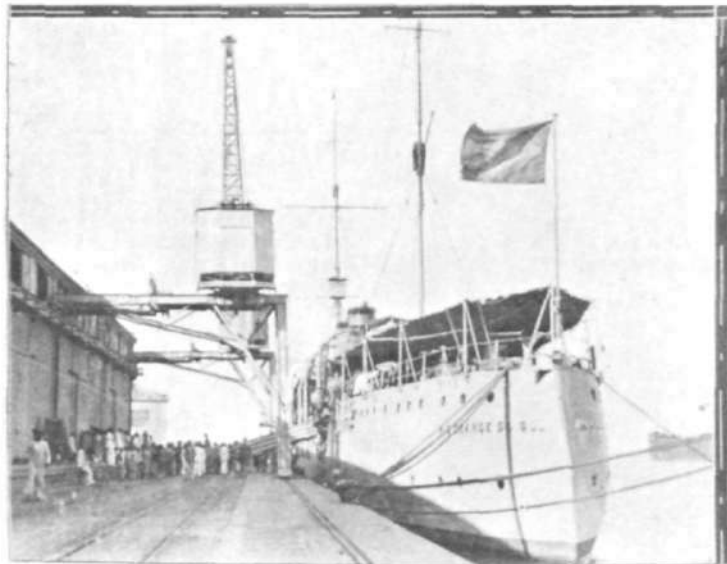
E regressou á campina, para a companhia das libélulas.

Trad. de Pra você.

Flagrante apanhado a bordo do "Scout" Rio Grande do Sul, por ocasião da visita do Sr. Interventor Federal á Divisão ancorada em nosso — — porto — —



O 'Destroyer' Alagôas no ancoradouro interno



O 'Scout' Rio Grande do Sul, captania da 1ª Divisão Naval, atracado ao — — armazem 5 — —

O 'Destroyer' Matto Grosso atracado ao armazem das Docas do — — Porto — —



AS
CREANÇAS
DO
RECIFE



Maria Celia de Siqueira (Celita),
filha do casal Gaston Siqueira e
Elza Carneiro de Siqueira



O endiabrado e gracioso José
Adolpho, filho do casal José
Gonçalves e Lucinda Pereira
Neves



Nadiège e filha do sr. Waltri-
do Cavalcanti de Albuquerque e
de sua esposa Sra. Eldora de
Mello Albuquerque



Ayre e Fernando, filhos do casal
Edmundo Baptista e Maria do
Carmo Amaral Baptista



Mewton, de 6 meses de idade,
filhinho do dr. Oscar Cordeiro e
sua esposa Sra. Noemia Cordeiro



Edson Moraes B. de Mello, filho
do casal Severino Moraes B. de
Mello e Beatriz Moraes de Mello

Factos da Quinzena



A ultima festa realizada na Escola de Engenharia.



Flagrante do embarque, para o Rio, do gerente da Metro-Goldwin Mayer, nesta cidade, sr. Laezeds Lopes.



Quatro magnificos modelos de impecavel côrte

Camisaria Iris

Rua Joaquim Tavora, 73
(Antiga 1. de Março)

(Sortimento completo de camisas, pijamas, cuécas, chapéus e artigos para homens.)

Preços excepcionaes.)

PHONE 67-49



A. L. JOLSON



JACKIE COOPER



GEORGE BANCROFT



LIONEL BARRYMORE



JOHN BARRYMORE



VICTOR MAC LAGLEN



JOHN GILBERT



WALLACE BEERY



RICARDO CORTEZ



BUSTER KEATON

(Vem da pagina 14)

calças cumpridas e convenceu ao gerente de uma casa commercial que tinha doze annos; obteve, assim, um posto no commercio. RICHARD DIX viu a luz em Saint Paul e se fez conhecido como jogador de foot-ball, porém, tão depressa reconheceu que lhe faltavam certas qualidades de um verdadeiro desportista, incorporou-se a uma turma de trabalhadores que installavam linhas telephonicas. Ganhava nessa occupação doze dollares por semana.

GEORGE ABBOT nasceu em Salamanca, Nova York, e accellou o posto de superintendente do Theatro Keith, de Berton. LILIAN TASHMAN começou em Nova York; sua primeira occupação foi a do modelo do artista, polo que lhe pagavam á razão de cincoenta centavos por hora.

RICHARD ARLEN nasceu em Charlottesville, Virginia, e começou a trabalhar em Saint Paul, distribuindo jornaes, com um salario de 12 dollares por mez. Occasionalmente foi soldado.

WILLIAM SLAVENS Mc. NUTT veiu ao mundo em Urbana, Estado de Illinois, da federação yankee, e, sendo criança ainda, se dedicou á séria tarefa de polir tubos numa fabrica de tubos de vidros para lampadas, de Alexandria, no Estado de Indiana. Actualmente escreve argumentos cinematographicos de manhã a noite.

SALLY BLANE é, actualmente, Betty Jane Young; JAMES HALL é James Brown; RICARDO CORTEZ é Jacob Krauz; GEORGE SIDNEY é Sammy Greenfield; DIXIE LEE é Wilma Wyatt; e KARL DANE é Ramms Karl Thelkerson Gottlieb.

WALLACE BEERY é natural de Kansas City. Sendo moço explorou, avisadamente, as possibilidades que lhe apresentava o futuro e se decidiu pelas empresas ferroviarias. Entrou, com effeito, para uma feia, na qual sua occupação consistia em levar agua a uma quadrilha de peões. Mais tarde ascendeu ao posto de jornalista na Ilha de São Francisco da California. Subitamente, abandonou o legar para dedicar-se de novo ao transporte de agua, porém desta vez para um claphante do Circo Ringling. Seu primeiro salario foi de 5 dollares por semana.

WILLIAM HAINES nasceu em Stannott, na Virginia; fugiu de casa quando rapas e começou a trabalhar durante a guerra em uma fabrica de munições. BUSTER KEATON, nascido em Piquis, Kansas, começou a trabalhar na tenra idade de 4 annos, tomando parte em um numero de vaudeville que seus paes representavam. Parte do verão, os tres Keaton viviam em Muskegon, onde, Buster, já rapaz, ganhava alguns centavos como

A MUDANÇA DE NOME E' UM PASSAPORTE PARA A GLORIA

mechanista de uma lancha que navegava as aguas do lago local.

RENEE ADOREE tem por verdadeiro nome o de Jeanne de la Fonte; MACK SENNETT se chama Michael Sinot; MARIE PREVOST é Marie Bickford Dunn; DUNCAN RENALDO é Basil Vasilecouyros; PAUL MUNI é Muni Weisenfreund e JOAN CRAWFORD é Lucille Le Sueur.

RAMON NOVARRO nasceu em Durango, no Mexico, e, de sociedade com um irmão, se estabeleceu com uma agência de cambio na capital do Mexico. Pouco antes de estalar a guerra, o negocio corria pessimamente. Per isso, Ramon o liquidou e se trasladou para os Estados Unidos, onde conseguiu um posto de serviço num restaurante. CLARK GABLE escolheu para apparecer neste mundo a cidade de Cadiz, em Ohio, e sua primeira occupação foi a de decalcar planos para um constructor que lhe pagava 50 centavos por copia. LIONEL BARRYMORE nasceu em Philadelphia e se fez actor. "Seguramente me pagavam — diz elle — porém não me recordo quanto."

MARY ASTOR ganhava 8 dollares como modelo de um pintor de cartazes de publicidade em sua terra natal, a cidade de Quincy, Illinois. RITA LA ROY fugiu de Alberta, no Canadá, para se livrar de que a intenassem em um asylo de orphãos e chegou a Portland, onde entrou para o serviço de um restaurante sem mais retribuições que a comida e as gorjetas que os freguezes lhe davam. EDNA MAC OLIVER, de Boston, fez um curso de canto e, cantando ao ar livre, ganhou, durante certo tempo, 15 dollares por semana.

SUAS CIDADES NATAES

Aos 15 annos, CLIVE BROOK era ajudante do secretario de um clube de Londres. Pagavam-lhe 15 dollares por semana. STUART ERWIN, natural de Squawvalley, na California, começou a ganhar a vida com uma machina trilhadora, com um salario de um dollar e meio por dia. GARY COOPER reconhece a cidade de Helena, em Montana, como a terra do seu nascimento e a sua primeira occupação séria foi a de colher óstras na praia de Kent, na Inglaterra; ganhava 4 shillings e dois pences. MAURICE CHEVALIER viu pela primeira vez



JOAN CRAWFORD



RENEE ADOREE



MARIE PREVOST



MARIE DRESSLER

as coisas deste mundo em Menilmontant, na França e quando notou que os carpinteiros pareciam gente feliz entrou, como aprendiz, numa cerraria da localidade, que lhe pagava doze francos por semana. A JACK OAKIE accorreu uma boa idéa em sua cidade natal, Sedalia, Estado de Missouri. Vendia revistas velhas, pertencentes á sua mãe, á ingenua gente que pouco entendia de revistas. CHICO MARX, nascido em Nova York, tocava piano, lutava como pugilista e recitava um monologo — tudo isso por 5 dólares semanaes — em uma cervejaria em cujo local se encontra hoje uma garagem.

O primeiro nome de BARBARA STANWYCH era Rubby Stevens; ALAN HAIE tinha tambem outro nome, o verdadeiro: Rufus Edward Mac Kahan; ELINOIR FAIR era Eleanor Virginia Crowe; MARY NOLAN era Mary Irmogene Wilson Robertson e EVELYN BRENT era Minnie Riggs. VIRGINIA VALLI trocou seu nome anterior, Virgna M. Swenney; como o trocaram GEORGE K. ARTHUR, que se chamava George Brest; INA CLAIRE, que era Ignaz

Fagen; HELEN KANE, antes Helen Schroeder; WINNIE LIGHTER, antes Winifred Kanson; MOLLY O'DAY, antes Suzanne Dobgon Noonan, e JANET GAYNOR, antes Laura Gayner.

RICHARD WALLACE nasceu em Sacramento, na California, e pôde dizer que desde o principio conheceu os soldos grandes, pois no seu primeiro emprego lhe pagavam 55 dollares por mez, como ajudante do empresario de uma casa funeraria nas muitas e variadas cousas que tem de fazer noite e dia um empresario desta classe. WILLIAM BOYD era um empregado de hotel e recebia 30 dollares por mez.

ANNITA PAGE nasceu em Flushing, Long Island, e a sua primeira tarefa seria foi a de colorir seis photographias de uma tia sua. Para que necessitava sua tia de seis retratos coloridos? Será este sempre um dos mysterios de Flushing. Mas a verdade é que a tia os necessitou e pagou pelo trabalho um dollar sonante, de contado. MADGE EVANS, nascida em Nova York, começou a trabalhar com a idade 18 mezes, posando para um artista

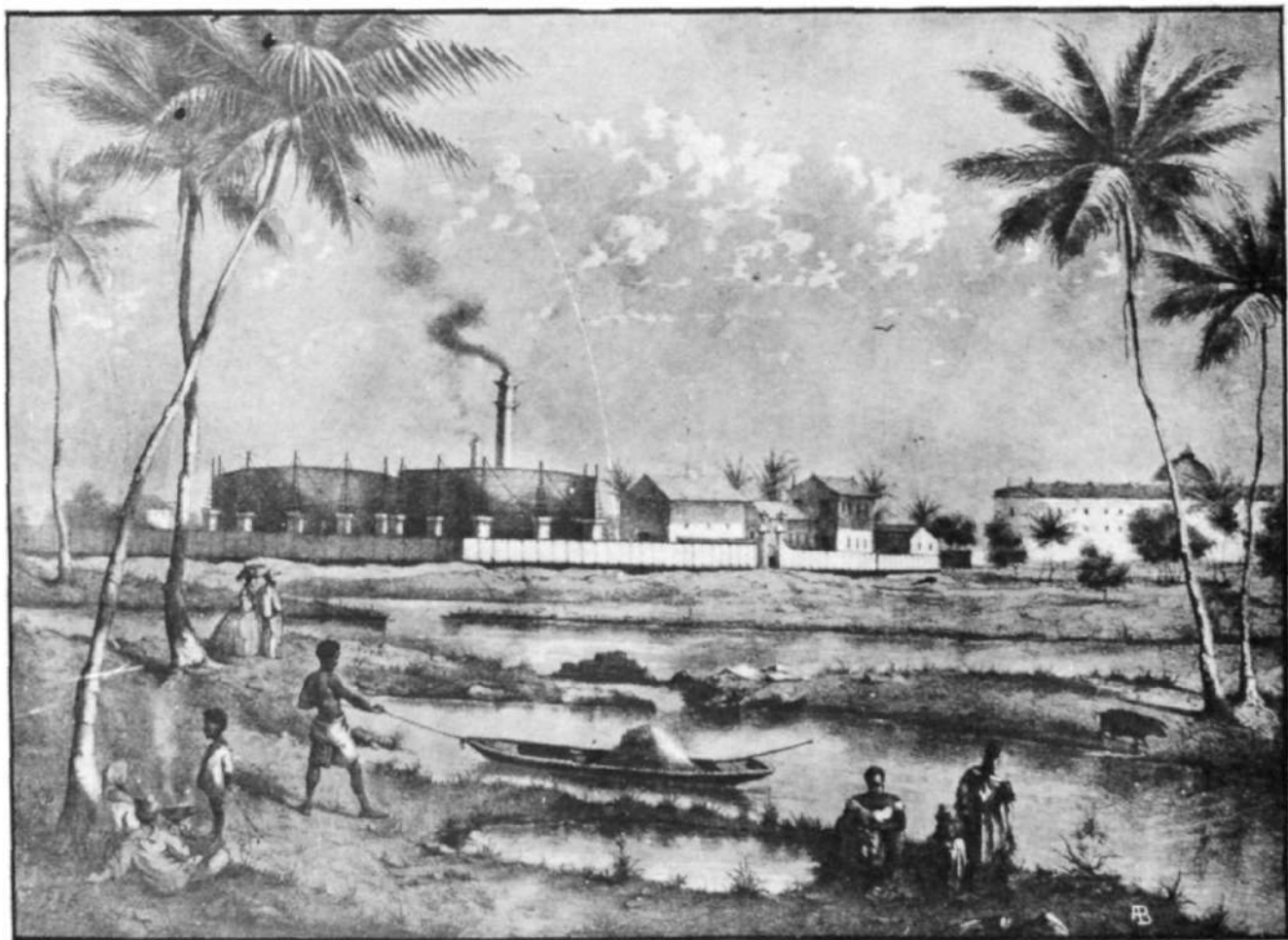
que desejava pintar um quadro intitulado "A mãe e o filho".

NEIL HAMILTON, de Lynn, em Massachusetts, esperou até a idade de 18 annos para incliar-se no mundo dos negocios e, nessa idade, desempenhou o papel de manequin, immovel na vitrina de uma casa de modas, com a remuneração de um dollar por dia. ADOLPHE MENJOU nasceu em Pittsburg e, antes de adquirir a distincção mundana que o caracterisava, ganhava 25 centavos pela tarefa de transportar uma machina de escrever num trajecto de 16 metros, subindo por uma escadaria de 5 lances. Mas o dono da machina não pareceu disposto a saldar o preço estipulado pelo trabalho e, então, o senhor Menjou resolveu annular o contracto e dirigir-se a Hollywood.

HELEN HAYES, de Washington, obteve seu primeiro emprego em uma companhia theatral que representava a obra "Parentes Pobres"; provavelmente recebeu salaric, mas miss Hayes olvidou esse ponto. CECIL DE MILLE nasceu em As-

(Continúa á pag. 42)

Passado



Esquis de
L. SCHLADPRITZ

O GAZOMETRO

Lithogravura de
F. B. CARTS

O SOL NASCE PARA
OS TODOS

NADA
ALEM
DE

4200

LOJAS SUL-AMERICANAS LTDS.

CASA GENUINAMENTE BRASILEIRA

RUA JOÃO PESSOA, 145

CONSULTORIO SENTIMENTAL

EVANGELINA (Recife)

— Sobre o assumpto da sua consulta, publica esta revista uma interessante "enquete" de Carlos Del Rio. Não sou extremada em taes opiniões. Por isto estou certa de que pôde haver amizade fraternal entre um homem e uma mulher. Conheço alguns casos de sincera e pura estima dessa natureza. E a historia é fecunda em exemplos.

Agora, o que me parece é que o seu caso se reveste de uma sensibilidade que traa alguma coisa mais que a amizade pura... A exclusividade que deseja nas suas relações com o seu "amigo", esse excess. de zelo, essa perscrutação exaggerada dos seus pensamentos são características de um sentimento que já é amor ou se approxima do amor..

Não se illuda.

Todas as mulheres, seja qual for a classe a que pertençam e a situação em que se achem — solteiras, casadas ou viuvas — podem fazer uma consulta a esta secção de P'RA VOCE — uma consulta sobre as suas maguas, os seus desejos, as suas aventuras e contrariedades passionaes e sobre a melhor maneira de solucionar uma crise sentimental, de sahir-se bem de uma difficuldade que as possa comprometter.

ponder. Estudemos o caso nos seus detalhes.

Você diz que entre os dois amigos, embora promettida a um delles, o seu coração balança... Sente affeição pelos dois, mas uma affeição typicamente amorosa.

Quer fugir desse "impasse" que a sua moral repelle. Sente-se envergonhada, humilhada, desesperada.

O seu caso não será o primeiro... Mas, para uma tão evidente psychose, só os remedios heroicos e decisivos. Terá a coragem bastante para empregar-os?

Diz você que sim, que está disposta a aceitar os meus conselhos e segui-os sem discutir. Pois bem, se assim é, pratique o acto heroico de afastar-se dos dois, procurando uma terceira affeição. Ha de custar-lhe, bem sei. Nos primeiros tempos, sentirá immenso, soffrerá immenso... Não me diz que pode fazer uma viagem afastando-se, pelo menos, seis mezes de Pernambuco? Empenhada essa viagem. Entregue-se a um labor intenso. Faça os estudos a que se refere, lendo e annotando. Cultive ainda mais os seus sentimentos religiosos. E seja tenaz, sobretudo tenaz...

* * *

MARIETTA (Recife) — Ora, Marietta... E' possível que uma mulher se engane sobre a natureza de tal sentimento? Você diz que o quer e admira, apenas pelo fulgor da intelligencia que elle possui... Mas esse "apenas" é tudo. E através da sua intelligencia, você já está no seu coração...

* * *

PERDITA (Recife) — A sua consulta não se enquadra nos moldes desta secção.

E' caso de pura perversão, que requer um especialista. Recorra aos serviços do dr. Ulysses Pernambucano.

A MULHER PSYCHOLOGA

As consultas devem obedecer ao endereço abaixo:
— A' Mulher Psychologa — Consultorio Sentimental
— Red. de P'RA VOCE — Recife.

DULCE (João Pessoa) — Para além desse fechado horizonte em que está comprimindo o seu affecto, ha paisagens largas, claras, em que as flores e os fructos põem notas decorativas, vivas e brilhantes. Por que essa preocupação de restringir a liberdade do ser que se ama, criando-lhe uma surda irritação que será as sementes da destruição futura? Creia que não é essa a melhor maneira de prender-se o ser amado. A paciencia, o carinho, o esquecimento das pequenas faltas, que são da propria natureza humana, são correntes infinitamente mais fortes e mais justas.

* * *

RUTH (Recife) — A sua consulta não é facil de res-

A LUMINOSA

(CONFEITARIA)

Casa especialista em Pães, Bolos,
Biscoitos, Chocolates, Bombons,
Doces, Queijos, Chá, Café, Leite
Condensado, Manteiga, Açúcar, Mas-
sas, Conservas, Vinagre, Azeite,
Velas, etc. etc.

CIGARROS E CHARUTOS

Praça Joaquim Nabuco, 63
Recife - Pernambuco

PHONE 6632

Carlos Brandão



"Astrallo"

COLLARINHO
DE LUXOEmpreza de Construções
e Architectura

ELPIDIO SILVA

CONSTRUTOR CIVIL

Vendemos terrenos a prestações
no Bairro da Torre (Rua José Bonifá-
cio) e construímos casas de varios pre-
ços mediante o pagamento de 5 % a
vista e o restante em modicas pre-
stações mensaes iguaes ao aluguel.
Construímos tambem em terrenos dos
pretendentes em identicas condições

Rua 1. de Março 84 - 2., andar
RECIFE - PERNAMBUCO

A Moda e



palha de bajadera, em varias tonalidades de verde, vermelho e branco.

Enormes chapéus em palha Italia guarnecidos com fitas representam outro dos motivos decorativos que triumpham conjuntamente com os tricornos ou chapéus "columbine" confeccionados em palha picot, vermelha.

A aba vai bem levantada do lado esquerdo, cahindo muito do outro.



NOVIDADES SOBRE CHAPÉUS

Difficilmente pôde localizar-se, nesta temporada, qual será o chapéu que se há de preferir, pois, é tão extraordinaria a variedade dos mesmos e tão particular o seu encanto, que se torna difficil seleccionar, já que todos preenchem as nossas aspirações.

Assim, veremos modelos de abas flexíveis, susceptíveis de collocar-se em posições distinctas, mais ou menos inclinados para os lados ou cahidos sobre a nuca, segundo a vontade de quem os use, alternando com os outros, semelhantes ás boinas dos estudantes ou aos gorros dos homens e cuja originalidade consiste em sua collocação.

Entre os chapéus praticos, grandes ou pequenos, pôde contar-se os do cambrala de linho ou de fio, pespontados.

Temos visto modelos de crepe georgette azul ou escuro, cujas abas e parte superior da copa são pespontados no mesmo tom, enquanto que os outros eram de palha picot verde, a copa e as abas de



Vestido em "chiffon" branco, alegremente estampado com flores vermelhas e azues. Luvas azul-marinho — chapéu de

verão, coberto com o mesmo tecido estampado na copa. A fita em azul-marinho, seguindo os tons gerais.



Suas Tendencias



Vestido para a noite em renda marron. A renda está collocada em cima de um corpo de crepon rosa.

Creação **BLANCHE LÉBOUVIER**



O TRAJE INFANTIL DE VERÃO

Este anno os vestidos de creanças trazem estampados ou applicações motivos mais bonitos que nos ultimos annos. Ha tulipas sobre fundo branco ou em tom de areia, luss brancas com um circulo negro e rosa, cravinas tambem sobre fundo claro ou rosas sobre um fundo quadriculado.

Ainda que muito simples, como todo tecido que deve ser lavavel, esses vestidos são muito adornados este verão. Volan ou cortados com pregas, com franzidos ou cortados em fórma, são dispostos em goias sobre os hombros (vide modelo á esquerda), até mesmo para as meninas de tenra idade, á roda do traje.

Os cinturões flexiveis, feitos de uma tira de couro ou do mesmo tecido em tom mais vivo, mas seguro por duas tiras identicas que sobem até os hombros e prendem na frente, prescindindo da classica finella.

Os pontos em linho de algodão, que recordam um ou varios tons do estampado, constituem uma guarnição de tão facil e rapida execução, como attraente para a vista. Para bordar uma manga ou um decote tres fieiras de festão podem ser realisadas no mesmo ponto e reajustados alguns centímetros mais adeante. A roda do vestido pode terminar num ponto de phantasia feito com um fino "crochet". Este mesmo ponto servirá para outra parte do vestido, com o fim de reunir entre si as suas diferentes secções.

Quanto á fórma do modelo, ella será escolhida de accordo com a idade da creança. O vestido de "canesú", no qual se mantem o vôo inteiro da fraldasinha, convem até os oito annos. O trajezinho recto, a começar desde os hombros e provido de um cinturão para marcar o talhe, é proprio para os tres annos.

Eis ahí tres modelos dos mais interessantes, dentro dessa orientação geral: o primeiro em tecido branco com bordadinho de côr; o segundo em branco e vermelho e o ultimo em tecido ralado, com o collo e mangas brancos.

OS PROFESSORES DE CORTE LUC

A pedido das 104
alumnas de Recife

e a fim de dar tempo ás numerosas interessadas do interior que manifestaram desejo de inscrever-se para o ultimo curso, ensinardo pessoalmente nesta, e pelo preço economico de **200\$000 rs.** com direito a diploma de Professora Nacional de Corte, curso de aperfeiçoamento para ensinar, e sem mais gasto que 2 folhas de papel de 100 Rs. por lição, de 2 vestidos para exame (que podem ser feitos em chita, segundo a possibilidade de cada uma); fazem saber que ficará aberto o registro para receber novas alumnas até quarta feira 25 deste ás 18 horas, no

Hotel do Parque
(Rua do Hospicio)

Formatura das
alumnas mestras de 1933,
na Escola Normal Official



Maria de Lourdes Lyra



Iracema Ferreira Pires



Lígia Lins e Mello



Dalva de Andrade Botelho



Dulce Gomes de Sá



Iraci Resurreição de Oliveira



Hilda Castro Souza



Olívia Pessoa de Araujo



Nancy Silva



Maria Celeste Soares



Maria Anunciada Lemos



Rosa de Figueiredo Ramos



Alcídia Cabral de Albuquerque



Odette Lins Freire

Album da turma paranymphada
pelo illustre professor da Escola
dr. Fernando Simões Barbosa



Maria Borges de Albuquerque



Margarida Vieira da Cunha



Iracema Carneiro da Cunha



Maria Helena Gondim Torres



Laura Chacon Gomes



Laureci Resurreição de Oliveira



Maria de L. Amorim Campos



Maria de L. da Costa Barros

CASA MOZART

JANEIRO

O maior sortimento de brinquedos pelos menores preços.

TELEPHONE 6059

PRAÇA DA INDEPENDENCIA, 41

O melhor presunto...

O povo pernambucano precisa experimentar o

delicioso **PRÉSUNTO**

e os demais artigos de salchicharia da

Companhia Agricola e Pastoril do S. Francisco S.A

Façam uma visita hoje mesmo ao depósito:

Sorveteria BOA - VISTA

Praça Maciel Pinheiro, 438

Luxo! Arte! Alegria!



(A maior e mais chic casa de diversões :::: do :::: Nordeste)

BILHARES

JOGOS ELEGANTES

CABARET

BARBEARIA

As Duas Páginas Dos Nossos Pequenos Leitores

ESTOU quase certa, pequenos leitores, de que vós todos conheceis o lindo conto de Mar'ia Borrallheira, a orphásinha, que tanto soffreu da sua madrasta e de seus caprichosos filhos. Sabeis, pois, de que modo obteve Cinderella as régias prendas com que se apresentara á Corte durante tres noites seguidas e como, a ultima hora, perdeu o sapatinho graças ao qual o principe poudo achal-a e fazel-a a sua amada esposa. Mas talvez ignoreis o que succedeu depois. E esse "depois" é outro conto... um conto que revela o segredo que possuia aquelle sapatinho prateado...

AAA A MASCOTE

Celebradas as bodas, cuja magnificencia tanto deu que falar, a bondosa fada, madrinha de Cinderella, chamou o principe de parte para recomendar-lhe que tivesse especial cuidado com o sapatinho, pois se elle se perdesse ou se estragasse acabaria para sempre a felicidade dos dois esposos. Temeroso de que tal coisa succedesse, o principe fei-o collocar sobre uma bandeija de ouro dentro de uma vitrina de grossos crystaes, mettendo esta, por sua vez, dentro de um cofre, artisticamente lavrado.

Passaram-se quatro annos de completa harmonia e felicidade. Pelos vastos salões e jardins do palacio já corria uma linda creança, orgulho de seus paes e do seu povo... Mas, de subito tudo isso mudou.

AAA A VINGANÇA

Só a madrasta de Cinderella e ás suas filhas causava inveja tanto bem estar. Sabedoras do secreto poder do sapatinho, tramaram um plano para furtal-o e assim executar uma vingança longamente desejada, não obstante a maneira generosa por que as tratara o princezinho. Mas é que a inveja e a avareza nunca se contornam.

CONCLUSÃO DA HISTORIA DA "GATA BORRALHEIRA"

Por OLGA DE ADELER



Aproveitando a oportunidade e a ausencia do principe, quando este realisava uma longa viagem de inspecção pelo reino, lograram apossar-se da chave do cofre e atirar o

sapatinho pela janella para o jardim, onde um duende o apanhou, levando-o, em seguida, através do bosque, para o fundo do lago das Mil Esmeraldas.

Ainda bem o sapatinho não desaparecera do jardim e já a rainha notava a falta do seu filhinho, com quem jogara alegremente minutos antes. Cheia de ansiedade, correu ao quarto onde devia estar a sua "mascotte" e logo á porta encontrou profundamente adormecido o official da guarda. A chave do cofre estava na fechadura. Compreendeu então o que occorrera. O sapatinho fóra roubado!... E com elle a felicidade de todos os seus!

Imaginae a afflicção da pobre Cinderella! Entretanto, sendo muito intelligente, não perdeu o raciocínio. Faria o possivel para encontrar, ella só, o pequeno principe, antes da volta do rei. Restava-lhe, felizmente, inais de uma semana para o seu regresso.

E, se não o achasse, se deixariaavorar pelas feras da montanha, pois não teria coragem para voltar ao palacio.

Procurou-o primeiramente pelos mais apartados aposentos do palacio, chamando o princepezinho em altas vozes. Mais só o eco lhe respondia...

AAA O SOCCORRO DAS FLORES

Desceu depois ao jardim com o proposito de revistar-lhe todos os recantos, caramanchões e arvores. Notou que as trepadeiras que subiam pelos muros se agitavam com desusada viclencias e suas campanulas azues

murmuravam:

— Sobre nós roçou o sapatinho magico quando foi atirado ao jardim.

O doendzinho, que o apanhou, tomou o caminho do bosque. Mas não desespereis, princezinha! Ajudar-te-emos a achal-o...

— Leva-me! — implorou-lhe uma das flores. — O soar da minha campanula te annunciará todo perigo...

E enquanto Cinderella corria
(Conclue na pag. 36)

A AVENTURA DE NEQUINHO E LAPITO



HISTORIA DE MARIDO E MULHER, POR M. BANDEIRA



Benevenuto Telles Filho

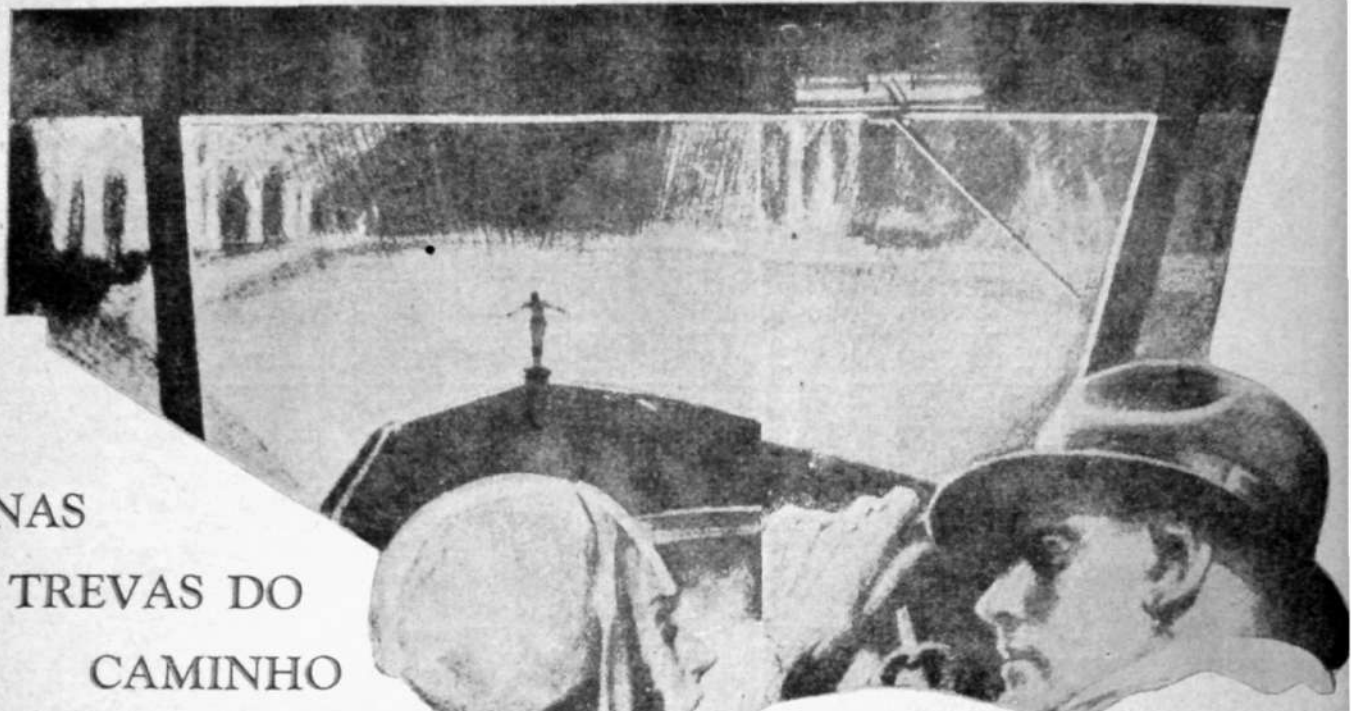
Photo-gravador

Atelier no 4. andar do edificio da Emp. Diario da Manhã, S. A.

Acceita encomendas de clichês para jornaes e revistas, rotulagens em cores etc.

PHONE - 6629





NAS TREVAS DO CAMINHO

Por G. R. MALLOCH

VAUDREN deteve o auto na vasta explanada que servia para os carros de todos os apartamentos. Abriu a portinhola e offereceu a mão á dama que estava ao seu lado. A esposa de Vaudren sahio tambem, mas pela outra porta. Nenhum dos tres pronunciaram palavra.

Fm geral annunciavam a sua chegada com risos e gritos, batendo ás portas. Os visinhos dos apartamentos proximos sabiam assim que Vaudren voltara do seu passeio. Mas nessa noite permaneciam em silencio e se moviam furtivamente, como sombras.

Penetraram no "hall", todo illuminado. Os seus rostos pallidos revelavam fadiga. O ascensorista não estava na sua jaula dourada. Instinctivamente, Gloria Wilson estendeu a mão para a campainha. Vaudren deteve-a.

— Não incomodemos a Johnson — recommendou. — Deve estar dormindo.

Subiu pela escadaria, luxuosamente atapetada e as duas mulheres o seguiram, sem abrir a bôcca. Chegaram ao segundo andar. E quando se detiveram em frente ao apartamento B, pareciam exgottados.

Vaudren, um tanto nervoso, demorou-se em abrir a porta. Entraram, enfim, com um suspiro de allivio.

— Graças a Deus, estamos de volta! — murmurou a senhora Vaudren.

O seu marido sorriu, com um ar zombeteiro.

— Que necessidade tens de recorrer ao nome de Deus, em tal momento? — perguntou.

As mulheres, sem responder, desapareceram pela porta da sala. Elle pendurou no cabide o chapéu e a bengala e foi ao "toilette", onde refrescou avidamente o rosto com agua perfumada. Voltou á sala, accendeu as luzes e a chaminé electrica. Correu as cortinas da janella e sentou-se numa cadeira. Sentia frio.

O seu apartamento era insignifico, e muitas vezes admirara o talento da sua mulher em combinar o senso artistico com o conforto. Desgraçadamente, a creada, que ia embora depois de jantar, deixava tudo em desordem. Mas essa attenção tinha as suas vantagens. Ninguem controlava a hora do seu regresso, salvo quando Johnson ficava ainda no "hall" e os fazia subir pelo elevador. Tomou um diario que estava sobre a mesa e começou a ler.

Gloria Wilson entrou na sala. Vaudren olhou-a mais detidamente que em outras occasões e lhe offereceu uma cadeira. Nunca o interessara aquella mulher morena, de olhos apaixonados, ainda que fosse bella, á sua maneira. Mas, sem duvida, ella sahia perdendo numa comparação com Isabel Vaudren, esbelta e loura, que fôra outrora sua companheira de collegio.

— Sente-se junto á chaminé — disse-lhe Vaudren.

— Obrigada — respondeu Gloria, com uma voz estranha.

Elle não sabia o que dizer para manter a conversação.

— A situação na India e no Egypto parece insustentavel... — começou.

— E' muito natural...

Gloria Wilson fez uma pausa e olhou-o de um modo penetrante.

— Vaudren!

— Que ha?

— Eu não devia ter dito aquella palavra...

— Qual?

— A palavra: — siga!

Elle abandonou o jornal sobre os joelhos e disse, perturbado:

— Por que? Não havia razão alguma para deter-se.

— Bem sabe você que si...

— Oh! que diabo! — replicou elle, aborrecido, perdendo toda a cerimonia. — Não sabemos exactamente o que houve. Foi, provavelmente, um máo jogo da nossa imaginação...

Todo o caminho estava em trevas...

— Foi uma infelicidade você não ter accendido os pharões.

— Prefiro gular sem elles. Só servem para encadetar os outros.

— Sim... Mas devíamos tel-o visto.

— A quem? Pareceu-me que o carro experimentava um impeclho. Mas isto succede com frequencia. A estrada está cheia de altos e baixos.

— Sei-o. Mas você freiou brusca-

mente e me disse: "— Que foi isto?"

— Crê que Isabel me tivesse ouvido?

— Não. Disse-me que estava dormindo e nada percebeu. Mas eu vi alguma coisa depois do solavanco que recebemos, quando puz a cabeça á portinhola...

— Que foi?

— Alguma coisa escura... semelhante a uma mancha na estrada.

— A mim tambem me pareceu ver uma sombra passar, como um relampago. Cheguei, porém, á conclusão de que se tratava apenas de um reflexo e segui.

— Porque eu lhe disse aquella palavra...

— Illusões!

Mas Vaudren sabia muito bem que Gloria estava dizendo a verdade pura. Aquelle instante surgia como photographado em sua memoria com surpreendente nitidez, apesar da confusa impressão que elle lhe deixara. "A sacudidella, a sensação de ter pisado alguma coisa com a roda deanteira da esquerda, o horror e a vacillação vividos em poucos segundos, com toda sorte de impulsos contradictorios tumultuando no seu espirito a impossibilidade de ter atropelado a um transeunte sem vel-o e, entre-

tanto, a sensação de tel-o feito; a frelada instintiva, a sua rápida pergunta, a imagem lugubre do carcere, toda aquella barafunda dominada por uma tranquilla voz que lhe murmurava ao ouvido: — Siga!

Obedecera áquella ordem, automaticamente, sem raciocinar. E o automovel, lançado como uma bala, devorou a estrada a noventa kilometros por hora. Vaudren sentia-se fatigado, e, poucas milhas adiante, Gloria se offercia para substituí-lo no volante, numa velocidade me-nos rápida.

Elle accitara o offercimento e proseguira a viagem cabeçando, semi-adormecido, repetindo intimamente, para si mesmo, que tudo aquillo fóra um producto da sua phantasia e que apenas tropeçara num péo ou numa pedra! E eis que occorre o segundo accidente...

Despertara, num sobresalto, porque percebera, emfim, que Gloria estava guiando por uma estrada que lhe era desconhecida. Como cruzassem, porém, a frente de uma casinhola onde se via uma luz vermelha, o logar não era o mais proprio, no momento, para entrar em discussão ou explicações. Segundos depois, inesperadamente, se chocaram com o pilar de granito que flanqueava o caminho. Gloria riu histericamente, com riso sonoro, que despertou a mulher de Vaudren. E um motociclista da policia appareceu-lhes de improvisio e começou a tomar notas em seu carnet. Como o accidente fosse insignificante, não tardaram em proseguir no seu caminho.

Agora, commodamente sentado naquella habitação confortavel e cheia de luzes, segura e familiar, recordava o sucedido como um terrivel pesadello...

— E' curioso que tivesse cochillado ao cruzar o pateo daquella casinhola — observou Vaudren.

— Eu não cochillei...

Olhou-a, surpreendido.

— Nesse caso, como explica que não haja visto a luz vermelha? Você guia muito bem...

— Mas... não percebeu que o fiz de proposito?

— Recelo não comprehender. Qual poderia ser a sua intenção em causar-me uma avaria num carro novo?

Gloria sorriu com negligente superioridade.

— Sim... O seu automovel está novinho em folha... Sinto bastante. Mas... não comprehende que isso lhe pôde servir de justificativa?

— De justificativa? — repetiu ella, com assombro.

— Sim. No caso que tivessem ficado signaes no para-lama... E como Vaudren continuasse a não comprehender explicou:

— E' indispensavel que eu lhe explique?... Pois bem... Não é difficil quiz ali houvessem machas de sangue... Imagine que estivesse algum no local, quando succedea... aquillo... Já que nunca se sabe o que occultam as moitas. E que se descobrisse a pista do seu automovel... Vi que você estava meio adormecido, vi o poste de granito, perto do qual estava parado um inspector de vehiculos e resolvi espantifur o para-lama da esquerda para fazer desaparecer todo o rastro possível...

Vaudren não respondeu. Se algum tivesse visto o que succedera... Aquellas palavras lhe queimavam o cerebro... Via

o matto que circulava o caminho cheio de olhos perscrutadores, vagabundos... Por que não se detivera, descendo do automovel, como fóra o seu primeiro impulso? Por que obedecera, naquelle instante de confusão, á imperiosa voz de Gloria Wilson que lhe sussurrava: — "Siga!" — Não o sabia. Aquella conducta era tão indigna do seu caracter... Atropellara a um homem no caminho e logo fugira, como um poitirão! Si se chegasse a conhecer o episodio, teria a sua reputação manchada para sempre. Não haveria excusa nem explicação possíveis...

Mas, talvez, aquillo tudo não passasse de uma fabula sem sentido, nascida da imaginação de uma histerica. Ignorava se atropellara algum, na realidade. Voltava cansado de um longo passeio, o caminho estava muito escuro por causa da sombra das arvores que o margelavam e os buracos eram numerosos. De repente, a pancada! Mas nesse caso... por que não ouvira nenhum grito? A possível resposta a esta pergunta deu-lhe calafrios. Ah! Aquella mulher importuna, que lhe falava em sangue!...

— Se você imagina que soffri uma allucinação, está enganado — declarou Gloria, adivinhando o seu olhar. Nunca estive mais senhora de meus nervos e do meu cerebro. E se ri ao produzir-se o choque, foi precisamente para despertar Isabel... para que ella tambem não se tivesse apercebido do que occorreu, antes...

Vaudren sentiu-se dolorosamente ferido. Se sua mulher chegasse a saber lo facto, cahiria para sempre do pedestal em que ella o adorava como varão e cavalheiro exemplar. Sentiu a surpresa e em seguida o desdem — a nuvem, emfim, que perturbaria a paz do seu matrimonio. Poderia supportar o desprezo do mundo, mas não o de Isabel, a quem tanto amava...

E, sem embargo, talvez nada tivesse acontecido. Neste caso... por que regressara tão silenciosamente, com as precauções furtivas de um malfetor? Por que se sentira tão satisfeito de não ter encontrado ninguem, de que não soubessem da hora do seu regresso?

Olhou Gloria Wilson com odio. Se não fosse aquella mulher, teria frelado o carro para fazer face á situação, como um homem... E se nada de tragico tivesse occorrido... porque o suggestionava ella daquelle modo, imaginando mil horrores, enchendo-lhe a alma de phantasmas?

Mas uma voz interior lhe sussurrava:

— Em todo o caso, Gloria te arranjou um desfeiteamento perfeito...

Entrou Isabel. Vaudren, nunca admirara tanto a sua belleza serena do que naquelle instante, quando a sua imaginação lhe suggerira o perigo de perdê-la. Viu, porém, com allivio, que Isabel sorria e sentava-se ao seu lado.

— Lamento tel-os deixado sosinhos. Mas a minha roupa estava tão cheia de pó que tive necessidade de mudal-a.

— Estás encantadora como sempre, Isabel — disse Gloria. — Quanto a mim, não ha vestido que sirva... Dé-me um cigarro, Vaudren.

— Que vaes fazer com o auto? — perguntou Isabel ao seu marido, emquanto este accendia um cigarro tureco para Gloria. — Elle ficará toda a noite na explanação?

— Ah! Tens razão! Esquecera-me do carro... — exclamou Vaudren.

Consultou o relógio.

— São dez horas, apenas. João ainda deve estar levantado. Vou avisal-o para recoiher o carro.

Falou pelo telephone, no "hall", para o seu "chauffeur". Voltou á sala. Beberam um "cocktail". Vaudren sentiu-se res-nimado e presa de uma leve excitação.

— Vamos dançar! — propoz, collocando um disco na victrola.

— Eu estou cansada — disse-lhe Isabel. — Dança tu, Gloria.

A amiga poz-se de pé. Enquanto dansavam, Vaudren teve a sensação de que em suas relações existia uma infimidade que até aquelle momento não percebera. Talvez, porque estava compartilhando um segredo com uma mulher estranha... uma mulher que não era a sua...

Continuaram dansando, até que Gloria se declarou fatigada. Foi nessa occasião que se ouviu soar a capainha.

— Quem poderá ser, a estas horas da noite? — murmurou Vaudren.

— Eu irei ver — disse Isabel.

Elle e Gloria trocaram um olhar significativo. Era o "chauffeur".

— Vim aborrecel-o, sr. Vaudren, para dizer-lhe que eu mesmo poderei concertar o pára-lama, sem precisar de recorrer a officina. Basta que o senhor me deixe o carro amanhã. Dar-lhe-ei tambem uma inão de pintura.

— Muito bem, João. Disponha amanhã do carro.

— Obrigado. Olhe, encontrei isto sobre o estribo, junto á caixa de accessorios. Pensei que fosse de alguma das senhoras. Boa noite.

João retirou-se e Vaudren poz-se a mirar o objecto que elle achara. Era um botão de cobre.

As duas mulheres examinaram-no.

— Não é meu — affirmou Isabel.

— Nem meu — accrescentou Gloria.

— E' claro... — replicou Vaudren, lentamente. — Pertence a um agente de policia. E' um botão de uniforme... Um achado curioso... tratando-se do estribo de um automovel... Teria saltado do cã-minho, como uma pedra, alojando-se no carro...

— E' bem possível — assentiu, placidamente, a esposa.

Gloria mantinha-se em silencio.

Vaudren bebeu tres "cocktails" antes de ir deitar-se.

Pela manhã seguinte, quando entrou na sala de jantar, besitou antes de ler os matutinos.

Tinha a cabeça pesada e só melhorou tomando uma chicara de café.

Finalmente, abriu o primeiro jornal. Com immenso allivio não viu nenhum titulo sensacional sobre o assumpto. Mas como pretender que a imprensa se occupasse assim da sua pessoa? As revoltas da India partilhavam a primeira página com a noticia de uma nova travessia do Atlantico e uma crise do gabinete ministerial. Voltou a pagina... O divorcio de um aristocrata, um concurso de banhistas em Miami, um lynchamento nos Estados Unidos... e a secção — "Accidentes automobilisticos". Leu varias noticias que não lhe interessavam e, afinal, esta reportagem:

(Continúa á pagina 38)

tava a flor, ou'ia lhe supplicava:

— Leva-me tambem a mim! Chamo-me "olho de boi" porque vejo tudo. Posso ser te util.

A princeza agradeceu a generosa offerta.

— E me deixas a mim? — pergunta um jasmim. A' brancura da minha estrella illuminará os caminhos mais negros...

— Eu desejo tanto acumpnar-te! — exclamou um lindo não-me-esqueças.

— Meus olhos celestiaes têm o dom de olhar através das aguas. Talvez eu tenha grande importancia...

— Se a mim me levaraes — murmurou timidamente uma violeta, que poz a cabecinha fóra das folhas — pois cresço á raiz da terra, ouvirei tudo quanto se move á sua superficie e debaixo della e assim sendo perceberei tudo quanto se passar, evitando-te as ameaças do perigo...

Profundamente commovida ante tanta bondade, a princeza juntou num precioso ramalhete todas essas flores e, resollida a não demorar-se mais, encaminhou-se para a sahida do jardim.

Mas, ao passar junto a um roseiral, a unica rosa que alli então florescia chamou com tal ternura por seu nome, que a obrigou novamente a parar:

— Leva-me, doce princezinha, leva-me! A minha ajuda te será talvez a mais necessaria de todas.

E a princeza, que amava sobretudo as rosas, despojou o roseiral do seu unico adorno. Já não cabia mais uma só flor em sua mão, que era muito pequena.

▲▲▲

A TRAVESSIA DA SELVA

Correndo, a princeza cruzou o parque e penetrou resolutamente na selva escura. Mas, a pedido das flores, a mattaria espessa abriu-lhe passagem e a Princeza pôde passar sem que os espinhos a arranhassem.

Emquanto avançava, era constantemente avisada sobre os perigos occultos que a ameaçavam por traz da folhagem ou debaixo das pedras.

De subito, a floresta se abriu numa clareira e Cinderella divisou uma casa, em cujo pateo uma velha firava agua de um poço. Ao ver a agua, muito fresca e crystalina, a Princeza sentiu irresistivel desejo de beber alguns goles. E já a velha lhe offerencia o balde cheio, quando as flores exclamaram, em côro:

— Não bebas, Princeza! Se chegar a beber desta agua, perderás a memoria e nunca

CONCLUSÃO DA HISTORIA DA "GATA BORRALEIRA"

(Vem da pag. 32)

(Conclusão)

mais te lembrarás do teu filho.

A Princeza, apesar do fogo que a devorava, repelliu a agua que lhe era offercida.

A velha ficou furiosa.

— Baixa a cabeça! — gritou-lhe repentinamente "Olho de boi". E apenas a princeza baixou a cabeça, passou-lhe por cima uma flecha venenosa que foi cravar-se no tronco de uma arvore proxima.

— Corre, Princeza, corre! — exclamou a violeta, tornando-se pallida de susto. — Retumbam pesados passos sobre a terra e temo que sejam as feras que nos vêm perseguir.

E a pobre Cinderella, aterrorizada e exausta, recomçou, a toda pressa, a penosa travessia do bosque.

▲▲▲

O LAGO DAS MIL ESMERALDAS

— O lago das Mil Esmeraldas?

— Já estamos chegando ao lago em cujo fundo está escondido o sapatinho — explicaram-lhe as flores. — Por nossa ordem elle te será entregue, pois que existe um segredo entendimento entre a vida vegetal da natureza. Mas, para que assim succeda, é preciso não perderes o contacto commosco. Se chegares a largar-nos, ainda que seja por um segundo, o nosso poder se perderia para sempre.

Os dedos de Cinderella apertaram involuntariamente os talos das flores, mas estas não se queixaram.

O lago jazia meio escondido entre arvores frondosas, cujo verdor se reflectia nas aguas, explicando-se assim o seu nome de Mil Esmeraldas.

— Attenção! — gritou a sempreviva.

E a Princeza notou que apparecia na ondulada superficie e ao seu alcance a ponta do anhelado sapatinho. Mas, no momento exato em que estirava a mão para apanhá-lo, uma agua cruzou o lago, varrendo os juncos com as suas azas e levando o sapatinho no seu bico curvo. Do ramilhete partiu um gemido angustioso e todas as flores queardam murchas na mão da Princeza. Só a rosa, cujo talo era mais resistente, lhe disse baixinho:

— Não esmoreças, doce Cinderella. Vamos ao campo das

amethystas, onde encontrarás a salvação. Recolhe a unica flor escarlate que achares entre ellas. A flor vermelha nos salvará a todos.

Apressa-te, porém! Devemos chegar quanto antes ao ninho da agua, na Montanha Azul.

▲▲▲

O CAMPO DAS AMETHYSTAS

Outra vez se poz em marcha a pobre mãe vacillante. Já não tinha as flores para animar-se. Não obstante, depois de muito caminhar, encontrou um campo que devia ser o que ella procurava. Mas entre tantas flores, ella não viu uma só flor vermelha.

Na sua grande afflicção, apertou com tanta força, contra o seu coração palpitante o murcho ramilhete, que os aculeos da rosa lhe furaram os dedos e uma gôta de sangue cahiu sobre uma daquellas flores, transformando as suas petalas delicadas em formosos rubins. Chela de admiração, a Princeza cortou-a, juntando-a ao ramo das flores desfallecidas. E operou-se um milagre: as flores amigas recuperaram logo o seu frescor primitivo.

— Marchemos, Princezinha! O tempo é ouro...

E a essa voz das flores amigas, a Princeza poz-se em marcha, reanimada e alegre.

▲▲▲

OS DOIS GUIAS

— Eu te ensinarei o caminho até o ninho da agua — disse de repente uma voz que parecia surgir do fundo da terra.

Cinderella viu um caracol que se arrastava sobre o solo.

— Agradeço-te de coração a tua boa vontade — respondeu-lhe a Princeza — mas o teu andar é demasiado lento.

— Eu te levarei, rapida, ao cume do monte — exclamou uma bellissima mariposa que adejava em torno da Princeza.

— Ah! Tu, sim, porque tens azas.

E a Princezinha partiu.

— Em breve te arrependers — disse-lhe o sabio caracol...

Emfim, notou o seu erro. A mariposa voava, mas sem rumo certo. Ia posando sobre os callices das flores. Parecia ter-se esquecido do fim do seu vôo. E numa das suas voltas voou

sobre o precipício. Cinderella cahiu sobre uma pedra, debaixo da qual corria um fio de agua pura. Aproveitou-o para lavar as dolorosas feridas que a marcha abrira nos seus pés e molhar as suas flores. Assim, surpreendeu outra vez o caracol, que vinha subindo a escarpa.

— Já sabia do que ia acontecer. Eu conheço de sobra as mariposas. São frivolas e ligeiras, embora bonitas. Mas para chegar as alturas é preciso lentidão e prudencia. Assim como eu faço... Vou levar-te, afinal, ao ninho da agua.

E sem esperar resposta, o caracol poz-se em marcha, seguido por Cinderella.

▲▲▲

NO NINHO DA AGUA

O sol nascia, quando se ouviu o forte bater das azas da agua que descia do seu ninho levando o sapatinho no bico.

A Princeza, erguendo a mão, deixou reflectir os raios do sol sobre a flor vermelha que colhera no campo das amethystas — symbolo do seu coração de mãe dilacerado pela perda do filho. Atrahida pelos reflexos, a agua abriu o seu formidavel bico para apoderar-se da flor, que a encantava, deixando cair o sapatinho no regaço da sua afortunada dona e Princeza. A agua, assustada, reencetou o vôo. E logo, de uma moita de cardos, ouviu ella uma voz, que lhe dizia (a voz do duende):

— Volta e encontrarás o teu filho na estrada.

— Adeus, Cinderella! — disse-lhe tristemente o caracol — Vae-te logo, que a descida, á noite, não é menos perigosa que a subida. Já não necessitas mais de mim...

Mas a Princeza já recebera uma boa lição e disse-lhe:

— Necessito de ti mais do que nunca. Foi por teu favor que cheguei até aqui. Teu aspecto é insignificante. Mas encarnou a paciencia, a perseverança e, por consequente, a victoria. Ficará no jardim do palacio, por que todos precisamos dos teus serviços.

▲▲▲

O REGRESSO

De volta ao palacio, numa volta do caminho e á sombra de uma arvore, a Princeza encontrou o seu filho que lhe estendeu os bracinhos, sorrindo.

Cinderella collocou outra vez as flores amigas sobre os seus verdes talos e durante muitas gerações continuaram dulcificando-lhe a vida.

O Principe nunca soube do succedido. Mas a Princeza se encarregou, ella mesma, da guarda do sapatinho, a fiel "mascotte" da sua felicidade.



P'ra Você no Interior

Na Cidade de Ribeirão

(Photo Dario Ribas,
especialmente para
esta revista)

Grupo de alumnas que con-
cluíram o 5.º anno da Escola
Marquez de Olinda, da-
quella cidade



Um trecho da rua João
Pessoa



rua Fructuoso Dias

"UM AGENTE DE POLICIA MORTO NA
ESTRADA DE RUTTLELY

Na noite de hontem, um automobilaista encontrou, na estrada de Ruttley, o cadaver do sargento Colly, do Departamento de Policia. Colly, que se dirigia a pé para Bilton, afim de tomar o omnibus da cidade, depois de ter recebido ordens do seu superior, foi evidentemente atropellado por um atomovel que lhe produziu ferimentos mortaes.

O seu dolman estava rasgado, faltando alguns botões. O uniforme apresentava marcas de um pneumatico. A policia investiga activamente o assumpto e convida a todos que tenham percorrido, á noite, a estrada de Ruttley, a se apresentarem naquelle Departamento".

Agora sabia tudo... Era o assassino do sargento Colly. Atirou instinctivamente o jornal sobre a mesa. Nesse momento entrava Gloria Wilson.

Estava formosa e viva, como sempre. Foi forçado a reconhecer que ella tinha personalidade e podia ser uma boa amiga e a caso de apuros. Devia confiar em Gloria? Não estava envolvido nessa trama por sua culpa?

Gloria aproximou-se tranquillamente da mesa.

— Sahiu nos jornaes? — Interrogou, sem mesmo dar-lhe bom-dia.

Elle balançou a cabeça e indicou-lhe a noticia.

— Um sargento de policia! — observou Gloria. — Tenho pensado se João examinou ou não o botão de metal...

— Supponho que não, pois, se assim fosse, teria visto, desde logo, que elle não podia ser de mulher...

— E' certo. Então, você está a salvo. Um atomovel que se chocou com um poste situado no desvio de uma outra estrada, a muitos kilometros do local do accidente, não pôde despertar suspeitas... Já não corre perigo algum, Henrique... Ninguem poderá provar qualquer coisa contra você.

Olhou-a, franzindo o cenho. Henrique! Era a primeira vez que o chamava assim.... Continuavam ligados por aquelle segredo e ella o fazia recordar-se...

A voz de sua mulher, que lhe dava — bom dia — interrompeu-o nas suas cogitações. Sentaram-se para o café. Gloria tinha razão. Não podiam provar coisa nenhuma contra elle. A unica prova possivel teriam sido as manchas de sangue no pára-lama e Gloria as fizera desaparecer. Mas, se apesar disso, João descobrisse algumas?

Deixou cair a chicara do café, com os dedos tremulos. João leria os matutinos, preferindo as reportagens policiaes. Aquelle botão e uma só mancha de sangue poderiam pô-lo na pista do segredo. Que fazer?

Vaudren pensou que só lhe restava um caminho possivel para pôr a sua honra a salvo: apresentar-se immediatamente á policia. E decidiu-se.

Mas antes precisava falar a Gloria, em particular. Era curioso que fosse ella e não a sua mulher quem compartilhasse de um segredo que affectava a sua propria vida...

Mas Gloria illudia-o... Elle não adivinhou que era uma tactica feminina, destinada a fortalecer o vinculo, que os prendia. Seguiu Isabel como uma sombra, para aproveitar um monumento em

NAS TREVAS DO CAMINHO

(continuação da pag. 35)

que esta a deixasse a sós, com o marido. Afinal, num impulso de coiera, pôz o sobretudo e o chapéu e sahio.

Na reunião do directoria da sua companhia esteve mais distraído que nunca e assignou todos os papéis, sem discutir. Na sua imaginação appareciam quadros lugubres... Testemunhas invisiveis entre as arvores... João descobrindo uma mancha de sangue... Via-se publicamente humilhado, balbuciando uma defesa em que ninguem acreditava, recebendo uma intimação para abandonar o clube, não se atrevendo a olhar, face á face, a sua mulher...

Tomou um taxi e fez-se conduzir ao clube. Almoçou ali, porque tinha medo de encontrar-se com Isabel e, mais ainda, com Gloria.

Mas, que podia fazer? Para cumulo de tanta complicação, nem sequer tinha a certeza de ter morto Colly... Talvez elle já estivesse morto e, nesse caso, apenas atropellara um cadaver. Não seria ridiculo e arriscado comprometter a sua vida e a felicidade de Isabel por um crime que talvez não tivesse commetido?

Ao regressar ao seu apartamento, encontrou um cartão sobre a mesinha do "hall", com a seguinte indicação: "Inspector Larsen, Departamento de Policia".

De maneira que já estavam nos seus passos... Apareceu a creada, que lhe disse:

— Sr. Vaudren, esse cavalheiro deixou dito que voltaria á tarde.

— Está bem — respondeu com ar distraído. — Avise-me quando elle chegar.

Dirigiu-se para a sala. All estava Gloria, sosinha, finalmente.

— Isabel sahio para tomar chá com umas amigas — disse-lhe ella, insinuante...

— Viu este cartão? — perguntou-lhe Vaudren, mostrando-o.

— Sim. Voltará á tarde. Alegro-me por Isabel estar ausente.

— Você sabe o que isso significa?

— Sim! — exclamou Gloria.

— Mas eu... já o salvei!

Elle cria tel-o salvo! Pelo contrario. Aniquillara-o para sempre, arrastando-o ao lodo em que se debatiam os covardes...

— Nada pôde destruir a trama que preparei! — insistiu ella. — O que succedeu nessa noite é um segredo que ficará para sempre entre nós...

— Qual foi o seu intuito assim procedendo? — disse Vaudren, desesperado.

— Só conseguí peçar as coisas. Eu devo confessar a verdade á policia. E isto equivalerá a reconhecer que agi como um covarde!

Elle enfrentou-o, com os olhos cheios de fogo:

— Procedi assim porque o amo, porque o comprehendendo como nunca o comprehenderei essa boneca que é sua mulher! Iria eu permittir que um homem como você, de tanta personalidade, de futuro tão brilhante, se visse esmagado, tolhido, desgraçado por esse tão ingrato

episodio? Além disso, você não teve culpa que elle surgisse tão inesperadamente em frente ao carro. Nem sequer se pôde afirmar que você o tivesse realmente atropellado...

Vaudren escutava, esmagado, aquella rajada de paixão. De maneira que depois de lhe ter arrebatado a honra, Gloria queria fazel-o atraiçoar a sua mulher... Pitou-a. Era uma mulher que tentaria qualquer homem com a sua ardente beleza. E offerecia-lhe o seu amor, um amor que seria tempestuoso e eterno, ao mesmo tempo. Gloria usara daquelle recurso para ligar-se a elle por um segredo, para chegar, por uma estrada vergonhosa, ao seu coração...

De subito, ella enlaçou-o com os braços pelo pescoço, beijando-o, apaixonadamente. Vaudren sentiu que os seus labios queimavam. Apartou-a de si, com gentileza. Sentia por ella o desprezo que podia ter pelos chantagistas... Aquillo era uma especie de chantage sentimental. Mas Gloria era uma mulher enamorada e um cavalheiro não podia tratá-la brutalmente... Não tinha motivos para duvidar da sua sinceridade.

— O inspector insinuou qualquer coisa a meu respeito? — perguntou.

— Não. Só perguntou o numero do carro e a estrada que percorremos.

— Então, por que declarou que voltaria?

— Explicou-me que precisava ver o proprietario do atomovel.

— Comprehendo. Direi tudo quando elle chegar.

— Henrique, não faça isso! Isabel ficará no conhecimento de tudo!

— Será necessario que ella tambem saiba...

Nesse momento chegou Isabel. Tirou o agasalho e sorriu.

— As Harrington fizeram-me demorar. Porque estão vocês tão excitados?

— Faze o favor de sentar-te, Isabel. Tenho alguma coisa a dizer-te... — avançou Vaudren.

Elle sentou-se numa cadeira e fitou-o com os seus olhos leaes. Gloria dirigiu-se para uma das janelas e ahi se conservou.

— Succedeu que naquella noite... — começou Vaudren — mas Isabel deteve-o.

— Sei tudo quanto se passou — disse ella. — Eu convenci a Gloria de que estava dormindo, mas não era verdade. Sei tudo... tudo... Que irás fazer?

— Dizer tudo á policia. Não tardará em chegar o agente...

Isabel pôz-se de pé e deo, u-o com tal ternura que Vaudren se sentiu commovido. Esquecera-se de Gloria.

Souo a campanha e a creada annunciou o agente de Scotland Yard.

Vaudren foi recebel-o no "hall".

— Desejava falar convigo, inspector?

— Sim, senhor — respondeu o detective. — Lamento aborrecel-o. Mas estamos na pista de um delinquente perigoso e queremos que o senhor nos informasse sobre certos detalhes, como proprietario do auto 1938. — B. Esse individuo usava um carro da mesma marca e precisamos saber da hora exacta em que elle passou por Ruttley. E' accusado de um assassinato.

— De quem?



A BÔA COSINHA

A Sobremesa

NÃO é dos nossos dias o uso da sobremesa. Pelo contrario, é um costume que nos foi trasmitido dos nossos antepassados. Podemos mesmo dizer, sem receio de errar, que desde o começo do mundo que a sobremesa faz parte de qualquer refeição...

Verdade é que estamos de tal modo habituados a saborear as deliciosas sobremesas que não as podemos mais dispensar em nenhuma de nossas refeições.

Toda a dona de casa deve, pois, fazer todo o empenho para que em sua casa nunca faltem doces e deliciosos manjares que constituem sempre uma agradabilissima surpresa após as refeições.

Tenho assim o prazer de apresentar as minhas gentis leitoras novas e interessantes receitas para as sobremesas da proxima semana:

* *

Ameixas com creme batido

Põem-se para cozer 400 grs. de ameixas pretas em dois copos de agua e tres pe-

daços de assucar de beterraba, um pedaço de casca de laranja (muito fina), durante duas horas, em fogo brando. Depois se passa por uma peneira. Bate-se muito bem meio litro de nata com assucar. Põe-se o creme num prato e arruma-se em volta á massa de ameixas.

* *

Bolinhos de banana

Põe-se para cosinhar 4 bananas; depois de escorrer a agua, passam-se por uma peneira (de taquara para não ficarem escuras) e amassam-se com 100 grs. de assucar perfumado com baunilha, tres gemmas de ovos, 30 grs. de amendoas picadas, 60 grs. de farinha de trigo e uma clara batida. Vac-se tirando a massa com uma colher das de sopa e pondo dentro da gordura fervendo. Os bolinhos são passados no assucar e servidos quentes.

(Para facilitar a massa a largar da colher, mergulha-se esta antes em banha fervendo.)

Castanhas com creme de chocolate

Põem-se as castanhas para cozer, depois de descascadas, com um pouco de assucar e uma fava de baunilha. Depois de escorrida a agua, as castanhas são passadas no passador de batatas, para formar no centro dum prato um monte de fios (formato que tomam no passador). Despeja-se com cuidado um pouco de creme de chocolate sobre o monte de castanha e o resto em volta.

* *

Pudim de claras

Batem-se bem 4 claras, juntando-se em seguida uma a uma 4 colheres de assucar; juntam-se depois 4 colheres de amendoas soccadas. Unta-se uma fôrma com calda de assucar queimado e põe-se para cosinhar uma meia hora em banho-maria.

Tira-se da fôrma depois de frio e serve-se com um creme caramelizado.

MARY-ANNA.

Notas amenas e instructivas

O PUNHO



Fig. 1

Fig. 2

inho. As mulheres fecham-no collocando o dedo pollegar estendido sobre o indicador, como se vê na figura 1. Os homens, pelo contrario, collocam o dedo pollegar sobre as duas ultimas phalanges do indi-

cador e do dedo maior, como indica a figura 2. Esta posição é a dos jogadores de "box", pois para os homens o punho é, mais do que outra coisa, uma arma de defeza.

Passou já á categoria de velha historia aquelle conto do frade franciscano, avisadissimo, que, sem violencia de nenhum genero, conseguiu descobrir entre um grupo de visitantes do convento, uma dama, que vestida de homem se introduzira n'elle, contra o que prohibe a apertada regra d'aquella ordem monastica.

O frade irmão-porteiro convidou a sentarem-se todos os individuos do grupo visitante e, de certa distancia, atirou com uma maçã áquelle de quem desconfiára que fosse uma disfarçada intrusa. Esta, esquecendo o seu disfarce e por um movimento instinctivo, afastou os joelhos para aganhar no regaço a maçã, em vez de unil-os, como teria feito um homem. Assim a maçã caiu no chão e o artificio da dama foi descoberto.

Ha um meio mais simples ainda do que este para distinguir as mulheres dos homens e para o qual não é necessario nenhum accessorio. Basta pedir ás pessoas de quem se trata que fechem o pu-



Onde estão os cinco lobos que buscam estes animaes?

Vendo meu affecto por Mavromati e para fazer-me perder os estribos multiplicou as hostilidades contra elle, repetindo cem vezes ao dia as antigas perversidades. Os patrões não ignoravam coisa alguma acerca desta situação, e, por mais de uma vez, surprenderam estas scenas pouco edificantes, porém estavam preocupados com seus grandes negocios e se contentavam em fazer alguma advertencia. Que lhes importava aquillo?

Era tal meu desespero, que, com effeito, haveria renunciado ao meu emprego, que era o que buscava nosso inquisidor, tomado de rancores com as minhas maneiras para com o Capitão Mavromati.

Meu destino tinha resolvido as coisas de maneira diversa. Estava escripto que a minha marcha precederia uma victoria e a esta seguir-se-ia uma derrota, coisa que até então me vinha occorrendo em todas as minhas idas e voltas pela superficie deste espaçoso mundo.

Certo dia de dezembro, apesar de haver adoptados todas as minhas habituaes precauções, o Palurdo me surpreendeu com o dicionario nas mãos. A coisa não teria importancia si o Palurdo tivesse procedido como um homem; como meu inimigo, porém, elle andava inteiramente preocupado em encontrar o momento para desacatar-me. E precipitou-se sobre o livro.

— Que significa este livro tão volumoso e completamente novo? — vociferou, arremancando-me das mãos o precioso tomo — Como o podeste adquirir?

E's um gatuno. Furtas dinheiro da caixa.

E me deu, em seguida, tal bofetada que me arremessou no chão banhado em sangue. Kir Leonida que chegava naquelle momento correu a ajudar-me, gritando furioso:

— Porque fizeste isso?

— Porque elle roubava a caixa, Kir Leonida! Olhe — e apontando o dicionario que o Capitão Mavromati me dera — elle comprou este grosso volume.

Naquelle momento nada pude contestar, porque deitava sangue a valer. Mirava a um e ao outro, contemplando especialmente o capitão Mavromati que se havia levantado, livido, temeroso, para protestar por mim, não fosse um terrivel accesso de tosse que o deixou prostrado na cadeira.

O patrão deixou-o ficar com o dicionario nas mãos e me levou a lavar o rosto que estava ensanguentado. E o Palurdo não fazia mais do que repetir:

— Rouba, sim! Ha tempos que eu desconfiava que elle estivesse a roubar a caixa.

— Tu, sim, é que roubas — pude emfim gritar com todas as minhas forças — Com meus olhos vi-te conduzir para a casa da tua amante garrafas de vinho fino. Kir Leonida estremeceu, como si tivesse sido mordido por uma vibora, ao ouvir aquella affirmacão que poderia ser facilmente comprovada. Porque não havia outras caixas de vinhos lacrados que as de um stock de um milhar de litros que não se vendiam. Era um vinho de trinta annos, e lhe chamavam "medicinal" pelas suas propriedades tonificantes; unicamente o consumiam em casos de enfermidade, em familia, ou quando presenteavam com elle a algum amigo; porém sempre a titulo de medicamento.



Capitão Mavromati

(Vem da pag. 11)

— Mente, senhor, mente para salvar-se! poz-se a dizer a gritos o Palurdo, pallido como morto.

— Isso iremos ver — disse o patrão — porem si disse a verdade, ainda que haja roubado a caixa, ponho-te na rua. As caixas estão contadas. E' um vinho que vale em ouro o que peza.

— Todas as caixas estão em seu logar! — balbuciu o culpado.

— Sim — disse eu — ellas estão em seu logar; porem na ultima fileira há umas cincoenta garrafas vãs, voltadas para a parede. Pude presenciar quando tu as esvasiavas.

Intervio o Capitão Mavromati e, sobrepondo-se a sua visível repugnancia, disse:

— Do assumpto, esse do vinho medicinal roubado eu não sei nada, ainda que não ignore que o Palurdo tem em sua conta no banco dez mil francos. Não crelo que os haja economisado do salario. Quanto ao dicionario deste rapaz, fui eu que lho dei no anno passado.

Ficou sobejamente demonstrado o crime do Palurdo que deixou incontinenti a taberna sem outro castigo que o de ser despedido. E eis-me agora convertido em senhor e criador da caixa, da taverna e de todas as desditas.

Minha mãe estava no setimo céu da felicidade. As mulheres do bairro não se cansavam de reptir-lhe:

— Deix o conserve muito annos! Que rapaz!

+ +

Um dia sombrio de inverno, depois daquella "feliz occorrença" recebo uma noticia dolorosa: havia morrido, durante a noite, o capitão Mavromati. Fui vel-o antes que o levassem á sua ultima morada os poucos amigos sinceros que ainda possuia. E, com os olhos razos de lagrimas, soube que elle havia morrido sem ninguem que lhe dissesse no ultimo momento:

— Amigo! Meu irmão... Sim, eu te amo!. Toda vida te amo!

No dia em que iam a enterrar o homem ao qual eu devia a "biblia" da minha adolescencia, sahi a percorrer a freguezia de Kir Leonida.

Ao regressar, quando passava perto do caes, distingui o Danubio. Aquelle impa-

cavel revolucionario que havia estado gelado durante todo mez de dezembro e que acabava de quebrar durante a noite seu formidavel bloco de gelo. E agora, sereno, arrastava no seu curso um montão de ferretos brancos.

Olhando o velho rio deixei-me ficar durante largo espaço de tempo. Estive assim demasido tempo? Passei uma hora? Passaram duas horas. Deram, talvez, as doze?

Não sei de nada. Hoje mesmo o ignoro. Sei unicamente que o louco do Barba Zanetto me andava buscando por todas as partes e que ao ver-me ali, de bruços sobre o caes, se foi acercando de mim passo ante passo e me atirou no espaço. Nada mais nada menos do que por estar com raiva por haver eu demorado.

Lá embaixo, ouvi ainda o Barba Zanetto que, gesticulando como um chipanzete, vociferava:

Com que então, abandonas o restaurante e te permittes o luxo de contemplar o Danubio, para que eu te andasse procurando ha mais de uma hora?

Afinal, pude salvar-me. E ao chegar em frente ao patrão elle ainda me disse, encolerisado:

— Temos muita gente lá para servir! Sim, muita gente!

Eu o escutava. Quando acabou, tirei o avental, enrolei-o, formando com elle uma bola, atirando-o o mais alto que pude, no nariz, gritando-lhe:

E' possivel que tu tenhas muita gente em tua tasca; porem já não tens ao meu capitão Mavromati!

Algumas horas mais tarde, subindo para casa, quando passava pela avenida da Cavallaria, surgiu ante mim a caruagem funebre que conduzia o meu amigo para o reino em que não ha banqueiros, nem hespanholas, nem Palurdos, nem elquer bons amigos. Iam atraz delle, com a cara enfatiada, umas dez pessoas.

— Adeus Mavromati!

— Adeus minha infancia!

EMILIO FRANZOSI
GRAVADOR
 PLACAS SINETES
 CARIMBOS CUNHOS
 GRAVURAS
 MARCAS DISTINTIVAS
 ESMALTACAO
 RUA DO IMPERADOR PEDRO, II, 331
 PHONE: 6362. RECIFE

Consultorio de Clinica Medica

Só se aceitam consultas por escripto

A. L. (Recife). Recebi sua attenciosa carta de 10 do corrente. Queira usar o preparado "Anemona — ovaro — mamelina" ou então "Néo-regrina". Quanto á segunda parte de sua consulta, não lhe posso indicar assim, sem um exame geral, uma medicação efficiente. Escreva-me mais detalhadamente sobre o caso. Vou reabrir o meu consultorio ainda este mez. Apareça ahí que lhe attenderei com o maximo prazer. E' possível, mesmo, que fique radicalmente curada.

A. M. (Maceió). E' muito falha em informes a sua carta, caro senhor. Compreende-se que não se pode fazer facilmente um diagnostico de ulcera gastrica, á distancia, sem os dados indispensaveis da semiologia medica actual. Ahí mesmo o sr. tem os recursos necessarios para o seu tratamento e conta com medico de reconhecido valor.

Quanto á sua "impressionante hyper-acidez" e para melhorar da "sensação dolorosa" que diz sentir no intervalo das refeições, use Neutralon belladonado.

Amaro da Silva Costa (Recife). O trabalho de minha autoria que o sr. viu annunciado nos jornaes, entre as communicacões medicas da reunião annual da Sociedade de Medicina, não é uma conclusão definitiva a respeito dos hormonios do pancreas sobre a hypertensão arterial. E' assumpto muito controvertido e não se pode chegar a um accordo quanto ao melhor medicamento capaz de, se não regularizar, diminuir os estados tensionaes elevados.

A padutina, segundo varios autores allemães, dá resultados notaveis na hypertensão dita essencial, mas a sua applicação é vasta em disturbios outros do aparelho circulatorio.

No seu caso, embora Lassance affirme que a percentagem de syphiliticos hypertensos é pequena, (sete por cento), eu creio que seu medico andou acertadamente em não descuidar a sua lues evidente. Quanto ao mais, a medicação está boa e para a sua idade a sua pressão arterial não está muito augmentada.

D. C. (Recife). Deu-se mal com o uso da digitalina? O tratamento digitalico requer um certo numero de cuidados e a orientação de um medico. Nada posso adiantar sem submettel-a a um exame acurado.

Antonio Alves da Costa (João Pessoa). A malariotherapia tem dado resultado na tabes. Submetta-se a este tratamento.

N. F. A. (Recife). Mande despachar na sua Pharmacia de predilecção a seguinte formula:

Tintura de crategus	ana
Idem de meimendro	12 gr.
Idem de valeriana	40 grs.
Glycerina q. s. para	

Me. para tomar XL (40) gottas duas vezes ao dia.
Não ha de que.

Dr. Antonio Fasanaro.

COLLEGIO SÃO LUIZ DE GONZAGA

(REGISTRADO NA DIRECTORIA TECHNICA DE EDUCACAO)
SIMPLESMENTE EXTERNATO E EXTERNATO COM BANCA DE ESTUDOS

Director — BEL. ANTONIO PAULO DE CARVALHO

CURSOS: — Jardim da Infancia, Primario, de Admissao aos Collegios equiparados e de Dactylographia

MENSALIDADES: — Jardim da Infancia, 10\$000 — 1.ª e 2.ª classes, 15\$000 — 3.ª classe, 20\$000 — Curso de Admissao, 30\$000 e Curso de Dactylographia, 15\$000 tres vezes por semana — Banca de estudos, por mez 10\$000

AS MATRICULAS JA' ESTAO ABERTAS COMEÇANDO AS AULAS A 1 DE FEVEREIRO PROXIMO

Corpo docente formado por idoneos professores da Capital

PEÇAM OS ESTATUTOS

RUA DAS NYMPHAS, 112 — BOA VISTA
(Esquina com a Avenida Manoel Borba)

PHONE: 2628
RECIFE — PERNAMBUCO

(35.721)

SATISFAÇA A SUA
NOIVA! LEVE

BEIJOS DA FABRICA

Beija - Flôr

BEIJOS DE FRUCTAS E DE CHOCOLATE

SÃO OS MELHORES PRESENTES

born e lavava dois carros por vinte e cinco centavos, em uma idade em que ignorava que vinte e cinco centavos eram a taxa corrente para lavar um só carro.

JOHN DARROW, de Nova York, empregou-se com um salário de treze dólares semanais em uma companhia por ações, na qual se manteve satisfatoriamente, com uma só excepção; não exaltava dia de pagamento.

A muitos deve surpreender saber que GARY COOPER se chama, em realidade, Frank J. Cooper, e que FREDERICH MARCH é Frederic Mc. Intyre Biched, ARTHUR LAKE é Arthur Silverlake, e RODOLPHO VALENTINO era Rodolpho Alfonso Raffaelli Pierre Filibert Ingelleimo di Valettino d'Antongliolla.

EM HOLLYWOOD

GRETA NISSEN é Grethe Rutz-Nissen, LEW CODY é Servis Joseph Cote, ANITA PAGE é Anita Pomares, W. C. FIELDS é William Claude Duganfield, BETTY COMPTON é Lucien Compton, JEAN HARLOW é Harlean Carpenter, JUNE MARLOW é Giselda Goten, MARIE DRESSLER é Leila Koerber e GRETA GARBO é Greta Gustafson. BELA LUGOSI chamava-se, noutro tempo, Bela Lugosi Blasko. KEN TAYLOR, oriundo de Nashua, Iowa, limpava vidros de portas e janelas nos começos da sua carreira e recebia um salário de quatorze dólares por semana. SPENCER TRACY nasceu

A mudança de nome é um passaporte para a gloria

(Vem da pagina 35)

em Milwankee e vendia revistas em um ponto da avenida Kunée. CONCHITA MONTENEGRO é madrilense e, na adolescência, era ballarina com uma irmã num café da sua cidade natal. A irmã ganhava uma somma equivalente a doze dólares por semana, e Conchita, oito.

MARION DAWS se chama Marlon Douras; JOAN MARSH se chama Agnes Rosher, e DOUGLAS FAIRBANKS era Rudolph Ullman em uma época anterior á sua fama cinematographica.

AL JOLSON, o homem que iniciou o cinema falado, se chama, em realidade, Asa Yoelsen. ROBERT MONTGOMERY é Harry Montgomery, e JACK OAKIE recebeu na pia baptismal o nome de Lewis Dalaine Offield.

MARY ASTOR é Lucille Langhanke, NORMAN KERRY é Arnald Hussey Kaiser e SAMUEL GOLDWYN é Samuel Golfish. FORD STERLING, campeão dos photographos de Hollywood, é conhecido entre suas relações com o nome de George Ford Stith, e MADGE BELLAMY foi por algum tempo Margaret Philipott. FIFI DORSAY chamava-se Yvonne Lussier. FREEMAN F. GOSDEN é o verdadeiro

nome de Amos, como Charles J. Correll o é de Andry.

JOHN BARRYMORE e John Blythe, EDMUND LOWE nasceu em São José, California, e quando menino ganhava vinte e cinco centavos diários como empregado de um escriptorio de advogado. GEORGE O' BRIEN, de S. Francisco, começou a trabalhar em uma garage, com a idade de quatorze annos, percebendo seis dólares por semana. Era sua intenção ser conductor de vehiculos, porém o destino o desviou para Hollywood. DOLORES DEL RIO nasceu em o Estado mexicano de Durango, e seu appellido era Anuncios. Seu primeiro trabalho remunerado — com dois dólares — consistiu em ballar em uma festa de beneficência.

KAY FRANCIS, moça de Oklahoma, foi secretaria de um homem grave de negocios que lhe pagava vinte dólares por semana. ALICE TERRY foi Alice Taaffe e BEBE DANIELS foi Phyllis Daniels.

ONA MUNSON nasceu em Portland e quasi obteve um bom emprego, com a idade de oito annos, escrevendo a um empresario theatral de Nova York, afim de desempenhar determinado papel em uma obra muito conhecida. CHARLES C'APLIN nasceu em Londres e ganhou seu primeiro ordenado de seis centavos conduzindo uma cesta de carne para uma senhora que jamais havia visto um filme cinematographico.

(Trad. de P'RA VOCE.)

— Do sargento Colly. Sem duvida o senhor leu as fabulas dos Jornaes. Mas são versões falsas, que fizemos intencionalmente publicar. Colly foi apunhalado e despojado de uma mala, na qual conduzia joias valiosas do coronel Wilkins, o chefe de policia.

— Mas... Foi atropellado, então, depois de morto?

— Não foi atropellado nunca. A noticia tambem é falsa.

— Neste caso, que deseja de mim?

— Estou encarregado de controlar os autos que passaram pelo local do crime, áquellas horas. O seu é pintado de azul escuro, não é verdade?

— Sim.

— Igual ao do assassino. Foi ás 20 e 30 minutos quando se chocou com o pillar?

— Sim.

— E' tudo.

— Um momento, inspector... A verdade é que passei pelo mesmo trecho do caminho onde se deu o assassinato... Se

NAS TREVAS DO CAMINHO

(Conclusão)

a senhorita Gloria Wilson não o disse, é porque desconhecia o nome da estrada e porque naquelle momento era eu que guiava. Num momento de maler escuridão, senti uma violenta pancada, mas não freei. Devia tel-o feito e João, o meu "chauffeur", encontrou isto no estribo do automovel.

O inspector examinou curiosamente o botão e sorriu.

— Se isto o preoccupa, fique socegado. Póde ser que este botão tenha pertencido a Colly, mas o senhor não podia ter atropellado o corpo do sargento pela simples razão de que elle nunca esteve na estrada, mas num atalho contiguo, agradeço-lhe, porém, a gentileza da informação.

Quando Vaudren voltou á sala, Gloria já ali não se encontrava. Aproximou-se de sua mulher e ajoelhando-se junto a cadeira, onde ella estava, escondeu o rosto no seu regaço.

— Eu sabia tudo — disse-lhe Isabel. Mas te conheço muito bem e comprehendí que acabarias por cumprir o teu dever... apesar de Gloria. Ella acabou de dizer-me que voltaria á sua casa, hoje mesmo.

E beijaram-se, reconhecidos.

Uma interessante e oportuna publicação

(Conclusão)

Cory Brothers & Cia. Ltda. — Boxwell & Co. — Gomes & Cia. — Teixeira Miranda & Cia. — Alvares de Carvalho & Cia. — Moreira & Cia. — Franco Ferreira & Cia. Ltda. — Manoel Pedro da Cunha & Cia. — Tecelagem de Seá e de Algodão de Pernambuco S. A. — Marques & Mesquita — M. Silva Gomes & Cia. — Companhia Industrial Pirapama — Casimiro Fernandes & Cia. — Cajueiro & Filhos — Carlos de Britto & Cia. — Cotonificio Othon Bezerra de Mello — Companhia de Tecidos Paulista. — Federick Von Shosten — João F. de Carva-

lho & Cia. — Gomes & Irmãos — Sociedade Anonyma Grandes Cortumes do Barbalho — Loureiro Lima — Domingos Magalhães (Palace Hotel) — Amorim Costa & Cia. — Alfredo Fernandes & Cia. — Pestana dos Santos & Cia. — Companhia Antartica Paulista — Companhia Souza Cruz — Fratelli Vita — Companhia Nacional de Navegação Costeira — Singer Sewing Comp. — Royal Mail Steam Packet Co. — Andrade & Irmãos — Azevedo & Cia. — Industria e Commercio Miranda Souza S. A. — Ayres & Son — Severino Almeida — Comp. Rovel S. A. — The Great Western Brasil R. Comp. — Azis Rabay & Cia. — Eugenio Nascimento & Cia. — Rossbach Co. — Duggan Hod Co. — Hotel Central —

Mendes & Cia. (Hotel do Parque) — Placido Farias & Cia. — Quintas & Cia. — Bernar-

dino Silva — Antonio Lopes Moraes — Companhia Industrias Brasileiras Portella S. A.

Perfumaria Oriental

RUA JOÃO PESSOA, 233

MANTEM FINO SORTIMENTO EM PERFUMARIAS E OBJECTOS
::: PARA PRESENTES :::

TELEPHONE N. 6252

RECIFE

VENDAS A' VISTA

P E I X E

U L T R A P A S S A A S U A P R O P R I A F A M A

É I M P O S S I V E L F A B R I C A R M E L H O R

A GOIABADA



E' A PREFERIDA

P E I X E



SINGER

A MARCA QUE TEM
ATRAVESSADO GERAÇÕES,
PRESTANDO OS SEUS
PRODUCTOS SEMPRE OS
MELHORES SERVIÇOS

SINGER — é a machina de
costura destinada a lhe ser-
vir tambem.

CUSTA APENAS

40\$000
mensaes

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

RUA DA IMPERATRIZ, 162

(Edificio SINGER)